

FACULDADE RATIO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

ROCHELLE PINHO CAMPÊLO

**“A VIVÊNCIA DO TRABALHO DA CATAÇÃO, A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE
VIDA DOS CATADORES DO JANGURUSSU”.**

FORTALEZA

2014

ROCHELLE PINHO CAMPÊLO

“A VIVÊNCIA DO TRABALHO DA CATAÇÃO, A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA
DOS CATADORES DO JANGURUSSU”.

Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Graduação em Serviço Social da
Faculdade Ratio, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Serviço
Social.

Orientação: Prof.^a Ms. Hayesca Costa Barroso

FORTALEZA

2014

ROCHELLE PINHO CAMPÊLO

“A VIVÊNCIA DO TRABALHO DA CATAÇÃO, A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA
DOS CATADORES DO JANGURUSSU”.

Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Graduação em Serviço Social da
Faculdade Ratio, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Serviço
Social.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Ms. Hayesca Costa Barroso
Orientadora

Prof. Ms. Francisco Antônio Ferreira de Almeida

Prof.^a Ms. Teresa Helena Gomes Soares

Dedico a Deus, meu protetor,
a meus filhos, razão do meu viver, à minha mãe,
meu exemplo de força e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada, agradecer pode não ser tarefa tão fácil, nem justa. Para não incorrer em injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram por minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, que são fontes de amor e força na minha vida.

Agradeço aos meus pais, Valberto e Cely, pela educação que recebi, em especial à minha mãe que sempre esteve ao meu lado, incentivando, dedicando seu tempo, colaborando desde o início dessa caminhada, para que fosse possível a realização desse sonho.

Agradeço aos meus filhos, Pedro Yuri, Ana Cecília e Maria Rita, que são razão do meu viver e que passaram por tantos sacrifícios comigo, para que eu chegasse até aqui.

Agradeço a meus irmãos, Daniel, Wilberto e Robertha, por estarem sempre ao meu lado acreditando na minha capacidade.

Agradeço à minha amiga-irmã, Teresa Gomes, por ser esse anjo na minha vida, por me incentivar, ensinar e estar ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço à minha tia, Thaís Helena, por toda a dedicação e cuidado aos meus filhos, sem você eu não teria realizado esse sonho.

Agradeço aos meus amigos, Pe. Francileudo, Marieta, Milena e Vânia por todas as palavras de incentivo.

Agradeço à tia Regina, por ser essa mulher que tenho como mãe na minha vida e por todo o carinho dedicado a mim e aos meus filhos.

Agradeço ao meu querido Clistony Rabelo, por todo carinho, incentivo, paciência nas minhas crises e chatices e cuidado cotidiano comigo.

Agradeço ao casal Agostinho (in memory) e Fátima, por todo apoio e incentivo.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, que sempre colaboraram, em especial ao Gilson e Isabel, que estiveram mais próximos de mim nessa caminhada.

Agradeço às minhas colegas e amigas de faculdade, por essa caminhada que juntas fizemos, em especial a Ana Maria, pois estávamos sempre juntas dando força uma a outra e a Wellen, por sua paciência ao ouvir minhas lamentações e pelos momentos de alegria partilhados.

Agradeço aos meus mestres, por terem partilhado tantos saberes, em especial à minha querida amiga “naja”, Erivânia, por todos seus conselhos, exigências e ensinamentos.

Agradeço aos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Jangurussu, pela colaboração para a realização desse trabalho.

Agradeço à minha orientadora Hayesca, por seu tempo e incentivo dedicados a mim!

“Há quem diga olê, olê, olê, olá,
catador de norte a sul e de acolá.
Nessa marcha sem parar,
caminhar é resistir e se unir é reciclar...”

Hino Nacional dos Catadores

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de vida dos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN), a partir da sua vivência no trabalho de catação; Foi elaborado o perfil socioeconômico dos catadores da ASCAJAN, além da análise das condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis refletindo sobre a realidade dessa categoria, que é marcada pelo processo de exploração do trabalho e da luta pela sobrevivência a partir do “lixo”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e as técnicas utilizadas foram as entrevistas semiestruturadas, observação direta e trajetória de vida. O percurso metodológico contou com as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foi gravador de voz, roteiro de entrevista e câmera fotográfica. A partir da pesquisa podemos perceber que, os catadores pesquisados em sua maioria são oriundos dos lixões, a catação de material reciclável foi a maneira pela qual os catadores encontraram para sobreviver, diante da condição de desemprego. Apesar da sua condição de precariedade, a profissão de catador está inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o número 5192 – 05, desde o ano 2002. Dentre os resultados na pesquisa, identificou-se que os catadores da ASCAJAN estão organizados em associação, possuem renda menor que um salário mínimo, baixa escolaridade, mas possuem, também, o desejo de ter uma renda maior, se aposentar e viver de forma mais digna. Concluimos, que é imprescindível a valorização e respeito ao trabalho dos catadores de material reciclável, da parte da sociedade civil e do Estado.

Palavras chaves: Catação de materiais recicláveis, catadores, trabalho.

ABSTRACT

This work aims to analyze the trajectory of life of waste pickers of the Association of Collectors of Jangurussu (ASCAJAN), from its experience in working grooming; The socioeconomic profile of the ASCAJAN collectors was developed in addition to the analysis of working conditions for waste pickers reflecting on the reality of this category, which is marked by the exploitation of labor process and the struggle for survival from the "garbage". This is a qualitative research and the techniques used were semi-structured interviews, direct observation and life path. The methodological approach included the bibliographic research, documentary and field. The instruments used for the research was a voice recorder, camera and interview script. From the research we can see that the collectors surveyed mostly come from the garbage dumps, scavenging of recyclable material was the way in which the collectors found to survive in the face of unemployment condition. Despite its precariousness, the collector profession is inserted in the Brazilian Classification of Occupations (CBO), under number 5192-05, since 2002. Among the findings in the survey, it was found that ss collectors of ASCAJAN are organized in combination, have lower income than the minimum wage, low education, have the desire to have a higher income, retire and live in a more dignified way. We also conclude that it is essential to value and respect the work of collectors of recyclable material civil society and the state.

Keywords: Collecting garbage, collectors, work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCAJAN – Associação dos Catadores do Jangurussu

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CEMPRE – Centro Empresarial

FEL&C – Fórum Lixo e Cidadania

GT - Grupo de Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IMPARH - Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

PNRS – Plano Nacional de Resíduos Sólidos

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAPÍTULO I – O PERCURSO METODOLOGICO	14
2.1 A trajetória para delimitação do tema	14
2.2 Natureza da pesquisa	17
2.3 Tipos de Pesquisa	19
2.4 Técnicas de Pesquisa	20
2.5 Campo e Sujeitos da Pesquisa	20
2.6 Análise dos Dados Coletados na Pesquisa.....	22
3 CAPITULO II – TRABALHO PRECÁRIO COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA	24
3.1 Catadores de Materiais Recicláveis – quem são.....	24
3.2 Trabalho precário, tendo o “lixo” como forma de sobrevivência.....	29
3.3 Organização dos catadores.....	36
4 CAPITULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1 Perfil dos catadores.....	41
4.2 Resultado geral da pesquisa documental.....	43
4.2.1 A questão da escolaridade e o catador	45
4.3 Condições de trabalho na trajetória de vida dos catadores	46
4.2.4 Sonhos e desejos	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICES	61
ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresentamos tem como título “A vivência do trabalho da catação, a partir da trajetória de vida dos catadores do Jangurussu”. A escolha do tema de estudo se deu a partir de um trabalho requisitado pela disciplina de metodologia científica, do curso de Serviço Social da Faculdade RATIO, optando-se pelos catadores de materiais recicláveis, devido à aproximação que existia com eles através do trabalho realizado na Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza. No ano de 2011, com a execução de um projeto chamado Cataforte, foi tida a possibilidade de conhecer mais de perto a realidade dos catadores, aguçando a vontade de me aprofundar ao estudo do tema.

A pesquisa tem como objetivo geral, analisar as trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Jangurussu, ASCAJAN, a partir da sua vivência no trabalho de catação.

Os catadores de materiais recicláveis são pessoas que vivem da catação de resíduos sólidos, trabalhando dentro do mercado informal, vivendo em situações precárias e de vulnerabilidade social. São muitas as problemáticas que giram em torno dos catadores de materiais recicláveis, tais como a precariedade do trabalho, o modo como se dá a inserção destas pessoas no mundo da catação e a situação em que vivem, privados das condições básicas de subsistência.

Segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizado através de um Diagnóstico Sobre Catadores de Materiais Recicláveis, em 2008, existem aproximadamente entre 400 mil e 600 mil catadores no país. Este mesmo diagnóstico apresenta os resultados de outras pesquisas, como do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) que fala da existência de mais de 800 mil catadores em todo território nacional. Já em Fortaleza, a estimativa é de que existam cerca de 8 mil catadores na capital cearense, segundo pesquisa realizada pelo IMPARH, em 2006. Sabemos que com o crescimento demográfico, esse número deve ter crescido nos últimos anos.

A ocupação de catador de material reciclável foi incluída, no ano de 2002, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o número 5192 – 05, cabendo a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais, como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não-ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

Apesar de estarem incluídos na CBO, os catadores ainda lutam por uma inclusão diferenciada na Previdência Social.

A pesquisa tem como objetivos específicos construir o perfil socioeconômico dos catadores da ASCAJAN, que foi feito a partir da análise dos cadastros dos associados cedidos pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, analisar as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, percebendo a realidade do cotidiano dessa categoria e conhecer a organização dos catadores, bem como a relação desta categoria com o poder público.

A presente pesquisa tem caráter qualitativo, a escolha por tal abordagem deu-se por ela ser voltada à compreensão dos processos subjetivos da fala dos sujeitos, tendo sido realizada através de contato direto em que relataram suas vivências cotidianas, desejos e sonhos para o futuro. Os tipos de pesquisa utilizados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo, optamos pelo uso da entrevista semiestruturada, observação direta e construção da trajetória de vida dos catadores a partir do trabalho com a catação.

A pesquisa foi realizada na Associação dos catadores do Jangurussu (ASCAJAN), que fica localizada na Rua Estrada do Itaperi, no bairro Jangurussu, no município de Fortaleza. Primeiramente, foi realizado um levantamento dos cadastros, disponibilizados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, dos catadores associados, traçando assim um perfil geral dos catadores da associação; depois foi realizada entrevista com três catadores escolhidos do total dos associados da ASCAJAN. O critério de escolha dos entrevistados se deu pelo tempo de catação, idade e sexo, contemplando os gêneros masculino e feminino.

Este trabalho divide-se em três capítulos: no primeiro discorremos como ocorreu o percurso metodológico; no segundo, a discussão foi feita em cima do trabalho precário como forma de sobrevivência, identificando quem são os catadores de materiais recicláveis, o trabalho precário, tendo o “lixo” como forma de sobrevivência e a organização dos catadores; no terceiro, apresentamos os principais achados da pesquisa documental e de campo.

O trabalho aqui exposto procurou socializar informações sobre as trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis, suas condições socioeconômicas, de trabalho, o modo como foram inseridos no mundo da catação e a organização da categoria de catadores.

Pretendemos com este trabalho dar maior visibilidade aos catadores de materiais recicláveis, mostrando a relevância do trabalho destas pessoas para a sociedade e para o meio ambiente, trazendo reflexões sobre o modo de trabalho precário e informal em que os catadores estão inseridos.

2. CAPÍTULO 1 – O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresentará o percurso metodológico para o desenvolvimento dessa pesquisa. Primeiramente, será exposta a aproximação com o tema, depois a natureza da pesquisa, no caso qualitativa. Explicaremos, por conseguinte, quais os tipos de pesquisas utilizadas, instrumentos e técnicas, assim como o campo e os sujeitos e, por fim, como ocorreu a análise de conteúdo.

2.1 - A trajetória para delimitação do tema:

A aproximação com o objeto da pesquisa ocorreu a partir de 2009, quando foi iniciado o trabalho como técnica em educação na Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, no projeto chamado Catando Corpo, Alma e Coração¹, em que trabalhei com cerca de 30 catadores de materiais recicláveis. Durante um ano foram feitos o acompanhamento e execução deste projeto, com a frequência de pelo menos dois encontros semanais para a realização das atividades do projeto.

Nesse período surgiram várias indagações a respeito da trajetória e condições de vida daquelas pessoas, muitas vezes invisíveis para a sociedade, mas que ainda reservavam para si força e alegria de viver. Indagava-me como pessoas que sofrem tanto com a discriminação, miséria e falta de moradia digna, ainda possuem força de vontade para lutar pela sobrevivência. Uma das grandes questões que me inquietaram à época foi conhecer suas trajetórias de vida, entendendo as principais dificuldades enfrentadas, especialmente relacionadas às suas condições de trabalho.

Outro importante espaço de observação foi o acompanhamento direto ao projeto Cataforte I² do Governo Federal, executado pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, em parceria com a Cáritas Brasileira Regional Ceará, desenvolvido até os

¹ O Projeto Catando Corpo, Alma e Coração foi executado pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, no ano de 2010. Tinha como objetivo, melhorar a autoestima das mulheres catadoras, através da aplicação de oficinas de biodança, massoterapia, artesanato, alimentação alternativa, com oficinas de aproveitamento de alimentos e ervas medicinais e melhorar a renda através da oficina de material de limpeza artesanal. O projeto contou com a presença de 30 catadores.

² O Projeto Cataforte é executado pela Cáritas no Ceará desde 2010: 400 catadores e catadoras dos municípios de Fortaleza, Caucaia, Pacatuba, Itaitinga, Guaiúba, Russas, Quixeré, Limoeiro do Norte, Aracati, Crato e Juazeiro do Norte participaram de atividades formativas que contribuíram para sua organização social e produtiva. Atualmente é desenvolvida a segunda fase do projeto que foca a logística solidária de caminhões da Rede de Catadores e Catadoras do Estado.

dias atuais, com a continuidade do trabalho de acompanhamento e assessoria aos grupos de catadores que no próximo capítulo serão listados.

A Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza é uma entidade sem fins lucrativos, um organismo da Arquidiocese de Fortaleza, articulado às Pastorais Sociais da Arquidiocese. Trabalha com os catadores de materiais recicláveis desde o ano 2000, com projetos sociais financiados por entidades internacionais, bem como na execução de projetos do Governo Federal em parceria com a Cáritas Brasileira Regional Ceará.

A Cáritas atua no enfrentamento da pobreza e na valorização da profissão de catador e catadora de materiais recicláveis. A entidade assessora grupos informais na formação de cooperativas e associações, apoia a organização do trabalho, além de atuar no fortalecimento da estrutura para auxiliar em trabalhos, como obtenção de galpão para estocar os materiais coletados, de equipamentos de proteção, de máquinas de processamento de materiais, entre outras ações.

A Cáritas e os catadores e catadoras discutem a erradicação dos lixões, a estruturação do trabalho e a política de coleta seletiva como atuação de desenvolvimento socioambiental, garantindo a autonomia de organização dos grupos. Essa perspectiva é adotada nos cursos de formação, com destaque para a abordagem da defesa e garantia de seus direitos. Catadores e catadoras passam a se reconhecer e a serem reconhecidos como cidadãos de direitos e passam a reivindicar o acesso aos serviços públicos de saúde, educação e moradia, dentre outros direitos. Aqui, em Fortaleza, a Cáritas faz assessoria à rede de Catadores e acompanha vinte grupos de catadores de Fortaleza e de municípios da região metropolitana: Caucaia, Itaitinga, Aquiraz e Eusébio.

1.2 Natureza da pesquisa

Com o intuito de traçar os procedimentos metodológicos que irão possibilitar a análise das trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis, compreendemos que “o método não representa tão somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho possível às questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador”. (OLIVEIRA, 1998, p.17) Daí a relevância de tentar desenvolver o método dialético ao longo desta pesquisa, por acreditar que possibilita análises mais profundas e aproximadas do real.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa é definida como o:

“(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.” (p. 17)

A pesquisa teve um caráter qualitativo por levar em conta o contexto para entender a questão em estudo. A escolha pela abordagem deu-se por ela ser voltada à compreensão dos processos subjetivos da fala, pois a pesquisa foi realizada em contato direto com os sujeitos e nas entrevistas os catadores puderam expressar suas opiniões, relatando seu cotidiano, desejos e sonhos para o futuro. “Essa abordagem tem em comum o fato de buscar esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e ofereçam uma visão rica” (GIBBS, 2009, p.8).

Concordando com Minayo (2000, p.21), entendemos que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, trabalha o universo dos significados, dos motivos, aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes e esse conjunto de valores é entendido como parte da realidade social”. Tais características da pesquisa qualitativa justificam sua escolha para a realização deste trabalho que analisou especialmente as trajetórias de vida e condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis da ASCAJAN. Contudo vale ressaltar que também nos utilizamos de dados quantitativos, especialmente no momento de análise dos cadastros dos catadores, conforme será visto no Capítulo 2.

Segundo Lavinne e Dione (1998, p.43), “as pesquisas qualitativas são mais apropriadas para investigar os fenômenos humanos, para que “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores [...]” De acordo com a autora, o objetivo do estudo da pesquisa se encaixa perfeitamente dentro da abordagem, pois um dos objetivos será entender as motivações e consequências do trabalho de catação para a vida os catadores de materiais recicláveis.

Para Teixeira (2006, p.137):

“Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados”

É nesse sentido que se justifica a natureza da presente pesquisa, na medida em que o que se deseja aqui é compreender e conhecer o complexo processo das trajetórias de vida vivenciadas por homens e mulheres, catadores e catadoras de materiais recicláveis, bem como as dificuldades enfrentadas com a precariedade do trabalho da catação, ao longo de suas vidas.

1.3 Tipos de pesquisa

São muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados na abordagem qualitativa, mas para um melhor resultado foram utilizadas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica é um elemento importante para o resultado da pesquisa, pois nela obtemos registros disponíveis decorrentes de pesquisas anteriores e que, segundo Severino (2007), utilizamos dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores, os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados e o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Segundo Boaventura (2007), na pesquisa bibliográfica o pesquisador não é um simples consulente de livros e revistas na biblioteca, mas sim um operador decidido em busca das fontes. Considerando a pesquisa bibliográfica uma etapa permanente, ela foi utilizada desde a escolha do tema até a produção do texto final.

De acordo com Michaliszyn e Tomasini (2005), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo explicar um problema a partir das referências teóricas: livros, artigos científicos, documentos, etc. Trata-se de uma leitura atenta e ordenada que se faça acompanhar de anotações e fichamentos que guiaram todo o trabalho.

Realizamos a pesquisa bibliográfica, por reconhecer a necessidade de utilizar categorias teóricas de outros trabalhos científicos a partir do registro disponível em pesquisas anteriores.

A pesquisa documental foi realizada na sede da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza. Obteve-se acesso a documentos, como diagnóstico, cadastros dos grupos de catadores acompanhados, projetos executados e ainda em execução pela entidade. De acordo com Pádua (1997, p.62):

“A pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivo, considerados cientificamente autênticos (não fraudados), tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de desvendar/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características em tendências”[...]

A pesquisa documental foi utilizada para conhecer e traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa, assim como conhecer o histórico da instituição e coletar dados do campo. A utilização desse tipo de pesquisa foi de suma importância para o alcance dos resultados, pois nos trouxe vários dados dos sujeitos entrevistados e nos permitiu traçar um perfil mais amplo dos sujeitos envolvidos no campo da pesquisa.

Para Gil, (2010, p. 30):

“A pesquisa documental é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo da História e da Economia. Como delineamento, apresenta muitos pontos de semelhança com a pesquisa bibliográfica, posto que nas duas modalidades utilizam-se dados já existentes. A principal diferença está na natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em material elaborado por autores com o propósito específico de ser lido por públicos específicos.”

Apesar da semelhança entre a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, as duas são diferentes e foram igualmente importantes para o estudo proposto.

A pesquisa de campo foi realizada no local de trabalho dos catadores de materiais recicláveis. No grupo ASCAJAN, o local das entrevistas foi o refeitório onde foi possível conversar com os catadores de forma mais reservada, pois, enquanto os outros catadores estavam em horário de trabalho, os catadores entrevistados foram liberados pela associação para que fosse possível a execução das entrevistas. Foram possíveis, também, durante as visitas momentos de observação do trabalho dos catadores no galpão. As entrevistas foram realizadas durante o mês de outubro.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa de campo é uma maneira de levantamento de dados no próprio local onde ocorrem os fatos, através da observação direta, entrevistas e medidas de opinião. Partindo desse entendimento, Fachin (2001, p. 133) complementa que a pesquisa de campo é como: “[...] a que se realiza com o fato social situado em seu contexto natural, ou seja, em seu campo ou habitat, sem nenhuma alteração imposta pelo pesquisador”.

Dessa forma, as informações coletadas diretamente com os catadores através das entrevistas e no próprio local de trabalho dos sujeitos foram primordiais para nossa aproximação com o objeto, possibilitando um maior contato com as questões pesquisadas no seu cerne, ou seja, no verdadeiro contato com o real.

1.4 Técnicas de pesquisa

Na pesquisa de campo, optamos pela entrevista semiestruturada, observação direta e trajetória de vida. As técnicas de pesquisa, segundo Severino (2007), são os procedimentos operacionais que servem de medição prática para a realização das pesquisas e precisam ser compatíveis com os métodos adotados.

Através das trajetórias de vida, podemos captar o que acontece na interseção do indivíduo com o social: um retrato que possui trajetória com significados de compreensão, de práticas históricas e de períodos. Essa trajetória, sendo desvendada, facilita-nos compreender os percursos individuais.

A observação direta foi realizada nos vários dias em que estive presente no campo, para que a escolha dos participantes fosse feita da melhor forma, pois entendemos que essa é uma etapa imprescindível para qualquer tipo de pesquisa. A observação foi realizada durante os meses de outubro e novembro do ano de 2014.

Segundo Chizzotti (1995), a observação direta se dá através da relação direta do investigador com o fenômeno a ser observado, com o intuito de entender a realidade vivenciada, na qual os atores sociais estão inseridos. Sua importância se baseia na possibilidade de o investigador captar dados e fenômenos que não são atingidos por meio da entrevista.

As entrevistas aconteceram no local de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, com base em um roteiro semiestruturado, com o intuito de facilitar o diálogo com os entrevistados, mas sempre com o cuidado para que o objetivo da pesquisa fosse garantido. O roteiro previamente elaborado teve função importante de auxiliar na condução da entrevista. A linguagem utilizada foi de fácil entendimento para uma melhor compreensão por parte do entrevistado. Esse tipo de entrevista foi de suma importância, pois nos permitiu fazer adaptações de acordo com a necessidade.

Szymanski (2004, p.12) define a entrevista face a face como “[...] fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as

percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado”.

Pelo fato de alguns catadores não saberem ler ou escrever foi importante a escolha da entrevista semiestruturada, facilitando a compreensão deles em relação às indagações pretendidas. Para Gil (2009, p.122), o questionário enquanto técnica de entrevista “exclui as pessoas que não sabem ler e escrever, o que, em certas circunstâncias, conduz a graves deformações nos resultados da investigação”.

Durante as entrevistas foi utilizado gravador de voz, autorizado pelos sujeitos da pesquisa, deixando claro, através do Consentimento Livre e Esclarecido, que foi elaborado previamente em uma linguagem acessível aos catadores. O termo foi feito em duas vias, uma ficou com o entrevistado e a outra com o pesquisador. Foi lido, esclarecido e assinado por ambas as partes antes do início das entrevistas, garantindo, assim, o compromisso ético com o sigilo. Segundo Minayo (2000), é importante assegurar aos informantes que não se trata de uma entrevista de mídia, em que os nomes necessitam ser ditos e, ao mesmo tempo, mostrar que sua contribuição faz sentido para o bom resultado do trabalho.

1.5 Campo e sujeitos da pesquisa

Conforme foi relatado anteriormente, a pesquisa de campo foi realizada junto à Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN), que fica localizada na Rua Estrada do Itaperi, no bairro Jangurussu, no município de Fortaleza. A associação conta hoje com 57 associados; destes 44 são mulheres e 13 são homens. Os catadores de materiais associados vieram em sua maioria do antigo lixão do Jangurussu.

Não houve entraves na inserção ao campo de pesquisa devido ao fato de a pesquisadora ser funcionária da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza e, portanto, desenvolver diretamente um trabalho socioeducacional com os catadores pesquisados. No que se refere à frequência das atividades de pesquisa, destaca-se a observação direta realizada durante os meses de outubro e novembro no acompanhamento aos grupos de catadores vinculados à ASCAJAN e as duas visitas direcionadas à coleta de dados através da realização de entrevista com três catadores associados.

Outra forma de aproximação do campo foi a experiência de trabalho realizado junto aos catadores, em um intercâmbio das Cáritas do Nordeste, realizado durante um encontro inter-regional no mês de novembro em que tinha como uma das atividades a visita na comunidade do Jangurussu, com o objetivo de conhecer a experiência de trabalho. Nesse momento foi possível vivenciar junto com os catadores suas formas e condições de trabalho, como é feita a catação, quais os equipamentos utilizados. Além de uma boa conversa com os sujeitos, pude observar a dificuldade do trabalho deles.

De acordo com os aspectos jurídicos, a ASCAJAN é uma associação, possui estatuto social e foi fundada em 28 de dezembro de 2006. Possui regimento interno e declaração de utilidade pública. É uma associação que possui parceria com a prefeitura, com a qual existe um convênio. O galpão é cedido pela prefeitura e possui vários equipamentos, tais como prensa, esteira, carrinhos de fardo, caminhão carroceira, balanças, triturador de papel, elevador de carga.

A coleta de material é feita a partir da catação, triagem e comercialização, eles coletam ponto a ponto, recebem material tanto da prefeitura, como de empresas contratadas pela prefeitura e de órgãos públicos. Os equipamentos que são utilizados para essa coleta são caminhão e *bags*. Os catadores trabalham em média 8 horas por dia, usam equipamentos de segurança como luvas, botas e uniformes. Os rendimentos obtidos pela associação são divididos entre os associados da ASCAJAN. A divisão é feita pelo número de dias e horas trabalhadas. Alguns catadores possuem como outra fonte de renda os benefícios sociais. As informações citadas acima foram coletadas a partir do diagnóstico realizado pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

A escolha dos sujeitos foi uma tarefa difícil, pois muitos se encaixavam no perfil que a pesquisa determinava. A definição foi feita de forma que homens e mulheres fossem contemplados. Como se trata de uma pesquisa que tem como objetivo analisar a trajetória de vida e as condições de trabalho dos sujeitos na catação foi levado em consideração o tempo que estes desenvolvem a atividade de catação e fazem parte da ASCAJAN, bem como a idade deles.

O perfil geral dos catadores foi realizado através da coleta e análise de dados dos cadastros disponibilizados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza e será traçado com mais detalhes no capítulo 3.

1.4 Análise de dados da pesquisa

Conforme destacamos anteriormente, no decorrer da pesquisa foram coletados dados através da observação direta e da análise dos documentos. Nesta fase da pesquisa, foi realizado o estudo do material para a produção da teorização dos dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aponta de singular como contribuição.

“A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos” (Gil, 1999, p. 168)

A análise de dados é o momento de formação de sentido para além dos dados, pois nesse momento foi feita a consolidação do resultado da pesquisa, interpretando cada fala dos sujeitos e somando com as leituras, os olhares, dando significados aos dados. Foi um processo difícil, por ser bastante complexo. Constatou-se que estamos sempre entre o concreto e o abstrato, entre o raciocínio indutivo e dedutivo, entre a descrição e a interpretação.

Nas entrevistas foi utilizado um roteiro, que com o passar do diálogo foi flexibilizado, para que a entrevista fosse mais leve, não deixando os sujeitos constrangidos durante a coleta das falas. Sempre tendo o cuidado para não perder o foco, assim foi conduzida de uma maneira que tanto o pesquisador como o sujeito ficassem a vontade, mas sem perder o foco e o rigor teórico-metodológico.

A análise de conteúdo, de acordo com Minayo (1994), é a expressão mais comumente usada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa. Já Bardin (1979, p.42), define como “Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Como a pesquisa teve natureza qualitativa, houve a preocupação com o processo em detrimento dos resultados finais, para que houvesse um resultado fidedigno da coleta e análise dos dados. Pois avaliar como os fenômenos sociais se manifestam nas atividades, na vida cotidiana, no trabalho, interpretado através de falas, da cultura, exigiu muito cuidado e atenção.

CAPÍTULO 2 – TRABALHO PRECÁRIO COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA

2.1 Catadores de Materiais Recicláveis, quem são?

Desde o ano de 1857 se tem notícia da atividade de catação. Segundo Juncá (2001), um poema chamado “O vinho dos trapaceiros” de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade. Portanto os catadores de materiais recicláveis não são novos sujeitos no mundo da reciclagem. Os catadores são, em sua maioria, pessoas excluídas do trabalho formal, desempregados que fazem parte do grande exército industrial de reserva, conforme Marx.

São trabalhadores que atuam há muitos anos, desde o tempo dos antigos garrafeiros, com a coleta de lixo, que hoje é chamada de resíduos sólidos. Desde que os homens deram início aos agrupamentos humanos, existe a produção de resíduos. Com todo o avanço do processo de industrialização, urbanização e crescimento demográfico houve um crescimento da produção de resíduos, sendo a partir daí que emerge a figura do catador de material reciclável.

De acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), foi a partir da década 1960 que as primeiras experiências de catação de materiais recicláveis surgiram no Brasil. A partir de 2011 com o nascimento do movimento nacional na esfera pública, intensifica-se a luta pelo reconhecimento enquanto categoria ocupacional no mundo do trabalho.

Embora tenha se constituído como atividade naquele momento, somente a partir das últimas décadas do século XX, entre os anos de 1970 e 1990 é que se amplia o número de catadores no Brasil, estando atualmente constituído como categoria profissional e também como movimento social. O MNCR se institucionalizou durante o Primeiro Encontro Nacional de Catadores de Papel, realizado em Belo Horizonte (MG), em novembro de 1999, com o apoio do Fórum Nacional de Estudos sobre População de Rua.

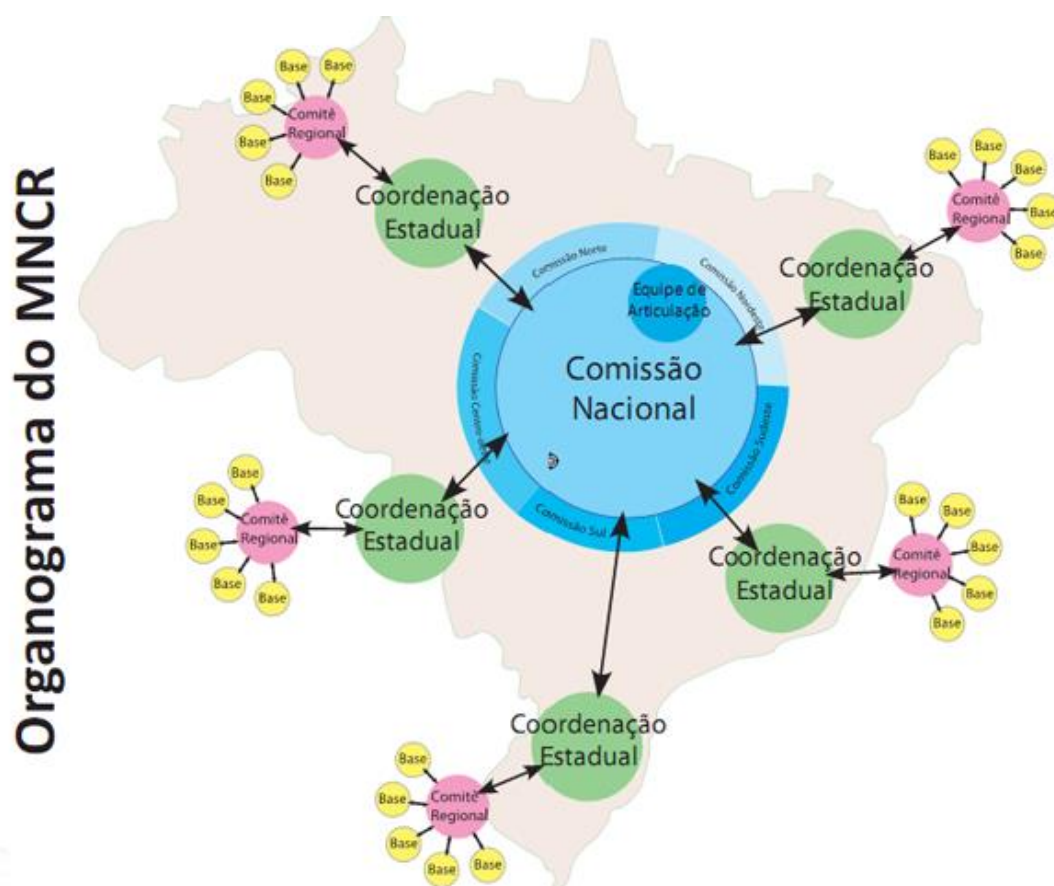
O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que existe há 12 anos, atuando na organização de catadores e catadoras de materiais recicláveis por todo o país, com vistas à valorização da categoria de catador. Tem como objetivo a garantia do protagonismo popular da referida categoria, tendo como princípios a garantia da sua autonomia, que dispensa a fala de partidos, governos e empresários em nome do movimento.

O MNCR acredita na prática da ação direta popular, ou seja, na participação direta do catador em todas as ações que envolvem a categoria, entendendo que essa ação pode abrir caminhos para uma mudança de percepção da sociedade em relação aos catadores de materiais recicláveis. A missão do Movimento é contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios de autogestão, ação direta, independência de categoria, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo. Tais princípios devem ser seguidos independentes do local e do tipo de catação realizada quer seja nas ruas, quer seja em lixões.

Há um diálogo dos catadores com a sociedade sobre a necessidade do controle social na gestão de resíduos sólidos, para que haja uma melhoria na qualidade de vida de todas as pessoas e também das próximas gerações. Esse diálogo ocorre através das lutas dos catadores junto ao Estado, através de audiências públicas, marchas nas ruas, encontros nacionais, dentre outros.

O MNCR tem como prática a democracia direta. Seus espaços deliberativos são as bases orgânicas e os comitês regionais. As bases orgânicas são grupos de catadores, organizados em cada região, ligados ao movimento; já os comitês regionais são a representatividade formada por dois catadores de cada região e possuem o papel de representar o movimento e de participar de forma mais direta dos encontros nacionais deliberativos.

Os debates são feitos de uma forma em que todos os catadores têm participação. São realizadas divisões por região; em cada região existe um comitê regional e cada comitê possui dois representantes da coordenação regional, e estes indicam dois delegados para a Comissão Nacional. Existe, ainda, uma equipe, composta por um representante de cada região, de articulação nacional, que tem como tarefa agilizar a execução de ações e articulações. Segue abaixo o organograma do MNCR para melhor compreensão da descrição feita anteriormente:



Fonte: <http://www.mncr.org.br>

A ocupação de catador de material reciclável foi incluída, no ano de 2002, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o número 5192 – 05, cabendo a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais, como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. Apesar de estarem incluídos na CBO, os catadores ainda lutam por uma inclusão diferenciada na Previdência Social.

A inserção destes aos direitos sociais tem sido realizada através da legislação de saneamento ambiental e da Lei de Resíduos Sólidos - nº 12.305/10. Um dos princípios da referida lei é a integração dos catadores nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos.

Não existe um levantamento preciso do número de catadores de matérias recicláveis no país e os dados oficiais não são muito recentes. Um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizado através do Diagnóstico Sobre Catadores de Materiais Recicláveis, em 2008, mostrou que existem

aproximadamente entre 400 mil e 600 mil catadores no país. Este mesmo diagnóstico apresenta os resultados de outras pesquisas:

“Por sua vez, o MNCR calcula a existência de mais de 800 mil catadores em todo o território nacional. Hoje, mais de 100 mil catadores compõem a base do MNCR. Outras estimativas citam o número de 500 mil catadores (Cáritas, 2011; Instituto Pólis, 2008 apud Besen, 2008)² ou entre 300 mil e 1 milhão (Cempre, 2011)”².

Esta mesma pesquisa mostra, ainda, que existe uma média de mais de 1.100 organizações de catadores de materiais recicláveis, divididas entre associações e cooperativas. A pesquisa evidencia também a existência de uma maior presença do sexo feminino, a escolaridade que quase nunca ultrapassa o ensino fundamental, o fato de os catadores contribuírem bastante com a renda familiar, sendo essa renda inferior a um salário mínimo. Apenas uma minoria contribui para o sistema previdenciário; em geral, eles já possuíam alguma experiência de trabalho anterior à catação.

Em Fortaleza, a estimativa é de que existam cerca de 8 mil catadores na capital cearense, segundo pesquisa realizada pelo IMPARH, em 2006. Com o crescimento populacional e a ampliação da produção de resíduos, esse número, nos dias de hoje, tende a ser bem maior.

Os catadores organizados estão distribuídos em 20 associações, algumas já formalizadas e outras em processo de formalização, as quais fazem parte da Rede Cearense de Catadores do Estado do Ceará, que conta com 333 associados, e possui representação no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Existe também a Cooperativa de Catadores do Estado do Ceará, COMPMARES, que foi criada e já se encontra em funcionamento.

A tabela abaixo nos mostra grupos do município de Fortaleza e Região Metropolitana, que são acompanhados pela Rede Cearense de Catadores de Materiais Recicláveis.

Tabela 1. Entidades acompanhadas pela Rede Cearense de Catadores de Materiais Recicláveis

COOPERATIVA, ASSOCIAÇÃO OU GRUPO INFORMAL	GRUPOS-FORMAL E INFORMAL	QUANTIDADE DE COOPERADOS E ASSOCIADOS	MUNICÍPIO DE ATUAÇÃO	RETIRADA MÉDIA POR CATADOR (R\$)
1. Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Fortaleza e Região Metropolitana	Formal	22	Fortaleza e Região Metropolitana	Em fase de implantação.

(COOPMARES)				
2. Associação Ecológica dos Coletores de Materiais Recicláveis da Serrinha e Adjacências (ACORES)	Formal	20	Fortaleza	300,00
3. Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Genibaú (Raio do Sol)	Informal	10	Fortaleza	200,00
4. Associação Viva a Vida	Formal	6	Fortaleza	200,00
5. Associação Cearense dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Resíduos Recicláveis (Reciclando)	Formal	15	Fortaleza	670,00
6. Associação dos Agentes Ambientais Rosa Virgínia	Formal	15	Fortaleza	400,00
7. Grupo de Catadores do Eusébio	Informal	6	Eusébio	300,00
8. Associação de Catadores do Aquiraz	Formal	10	Aquiraz	300,00
9. Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN)	Formal	73	Fortaleza	350,00
10. Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Serviluz (BRISAMAR)	Formal	30	Fortaleza	300,00
11. Grupo de Catadores da ROSALINA	Informal	10	Fortaleza	200,00
12. Sociedade Comunitária de Reciclagem de Lixo do Pirambu (SOCRELP)	Formal	10	Fortaleza	900,00 (7 pessoas) restante 15,00 diária
13. Associação Maravilha	Formal	12	Fortaleza	350,00
14. Grupo de Catadores Dom Lustosa	Informal	6	Fortaleza	150,00
15. Grupo de Catadores do Jardim Iracema –UCAJIR	Informal	10	Fortaleza	200,00
16. Grupo do Quintino Cunha	Informal	6	Fortaleza	180,00
17. Associação dos Agentes Ambientais da Jurema (ASSAJ)	Formal	25	Caucaia	250,00
18. Associação dos Agentes do Meio Ambiente de Pacatuba (AAMAP)	Formal	25	Pacatuba	R\$ 800,00
19. Grupo de Catadores da Guaiúba	Formal	10	Guaiúba	800,00
20. Grupo de Catadores de Itaitinga	Informal	12	Itaitinga	800,00
TOTAL		333		

Fonte: Elaboração da autora a partir de pesquisa documental realizada na Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

De acordo com a tabela, podemos perceber que oito grupos ainda são informais. A Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza realiza, por meio de projetos sociais financiados pelo Governo Federal, o acompanhamento desses grupos, e uma de suas metas é a formalização dessas entidades.

Outro dado importante é o valor da renda mensal dos catadores de materiais recicláveis. Somente em quatro dessas associações os catadores possuem renda maior que um salário mínimo. Podemos perceber também que a localização das associações e grupos informais está, em sua maioria, na periferia de Fortaleza.

Existem diferenças nos processos de trabalho dos catadores, desde o lixão a céu aberto até os galpões organizados que recebem doações da sociedade civil e órgãos públicos. Existem ainda os catadores de rua que realizam sua atividade com carrinhos, como um dos instrumentos de seu trabalho. Alguns possuem seus próprios carrinhos; para outros os carrinhos são da associação ou, até mesmo, emprestados.

Os catadores são seres humanos que vivem da catação dos resíduos sólidos, geralmente excluídos do mundo do trabalho formal. Vivem em situações precárias, de vulnerabilidade social que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos de grande parte da sociedade. Segundo Gonçalves, (2005, p.104)

“A atividade de catação pode ser compreendida como resistência e busca de sobrevivência daqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho local, em consequência da ausência de ofertas de vagas, bem como da baixa escolaridade e qualificação profissional de alguns contingentes populacionais.”

Ainda segundo a autora citada acima, os catadores de materiais recicláveis desenvolvem seu trabalho articulando rotinas, riscos, experiências, criação de laços, regras, saberes, prazer e, até mesmo, sofrimentos. Possuem trajetórias de vida singulares, são parte fundamental na cadeia de reciclagem de lixo do país e encontram, a partir da catação, ainda que seja um trabalho precarizado, uma forma de sobreviverem e serem incluídos como sujeitos na sociedade.

2.2 - Trabalho Precário e os Catadores de Materiais Recicláveis.

Para falarmos do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, precisamos primeiramente compreender a categoria trabalho. Marx em uma das suas primeiras

conceituações fala que o trabalho é a relação homem e natureza, para a produção de objetos que venham a suprir a necessidade do homem para a sobrevivência.

... o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Marx, (2002, p.211)

Nesse conceito Marx apresenta o processo de trabalho somente em seus elementos simples, como atividade orientada a um fim, como condição natural da vida humana. Mas no sistema capitalista essa definição já não é mais suficiente para explicar os processos de trabalho vividos pela sociedade pois a relação trabalho deixou de ser uma relação somente homem individual e natureza, sendo necessário levar em consideração as relações sociais em que ocorrem os processos de trabalho.

No sistema capitalista existe a produção de mercadorias que domina esse sistema: as mercadorias produzidas pelo homem possuem o seu valor de uso e o seu valor de troca. A mercadoria é um objeto exterior, uma coisa que por meio de suas propriedades satisfaz as necessidades humanas. Somente o trabalho é capaz de produzir valor, a matéria natural não possui valor, pois ela ainda não foi modificada pelo homem, não necessitou do trabalho humano. O valor de troca é o valor dado à mercadoria depois de transformada, esse valor não precisa ser palpável, a força de trabalho para o sistema capitalista é uma mercadoria que possui mais valor, pois é a partir do trabalho despendido pelo homem que se calcula o valor da mercadoria.

Os catadores de materiais recicláveis não se utilizam diretamente da própria natureza para transformá-la em algo, mas se utilizam do que a sociedade descarta e que anteriormente passou pelo processo de construção do objeto a partir de elementos da natureza e que foi transformado em objeto para utilização humana.

A classe trabalhadora vem sofrendo intensas transformações, tanto no Brasil como nos países centrais. Existe um grande número da força humana disponível para o trabalho em escala global e que se encontra exercendo trabalhos precários, temporários ou, até mesmo, estão vivenciando ou vivenciaram o desemprego. De acordo com Antunes (2001, p.103)

[...] cada vez mais homens e mulheres trabalhadores encontram menos trabalho, esparramando-se pelo mundo em busca de qualquer labor, configurando uma crescente tendência de precarização do trabalho em escala global, que vai dos EUA ao Japão, da Alemanha ao México, da Inglaterra ao Brasil, sendo que a ampliação do desemprego estrutural é sua manifestação mais virulenta.

Podemos perceber no mundo do trabalho hoje o que Antunes (2001) identifica como múltipla processualidade, ou seja, ao mesmo tempo em que se observou uma desproletarização do trabalho nas indústrias, em países de capitalismo avançado e também nos países de Terceiro Mundo que possuem áreas industrializadas, também ocorreu uma diminuição da classe trabalhadora industrial, simultânea ao crescimento do número de trabalhadores assalariados, bem como do número de mulheres inseridas nesse mercado de trabalho.

Com todas essas mudanças do capitalismo contemporâneo, surge o que o referido autor denomina de subproletariado, com o aumento do trabalho parcial, temporário, terceirizado e o desemprego estrutural que atinge os trabalhadores de todo o mundo. Todas as mudanças oriundas da reestruturação produtiva e dos avanços das tecnologias industriais acirraram ainda mais os problemas no mundo do trabalho, o mercado passou a exigir novas demandas de qualificações profissionais, gerando, assim, excedentes de força de trabalho; os trabalhadores que não conseguiram se adequar a essas novas demandas foram excluídos do mundo do trabalho formal.

[...] não há um movimento generalizado de desqualificação ou um movimento de aumento geral de qualificação, mas um movimento contraditório de desqualificação do trabalho de alguns pela ‘superqualificação’ do trabalho de outros, isto é, uma polarização das qualificações requeridas que resulta de uma forma particular de divisão do trabalho, que se caracteriza por uma modificação da repartição social da inteligência da produção. (FREYSSINET apud ANTUNES, 2001, p. 60)

Aqueles excluídos do mercado formal do trabalho e empenhados na luta pela sobrevivência a qualquer custo veem-se obrigados a se submeterem a toda forma de exploração do trabalho ou venda da sua força de trabalho, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis, os quais, em sua maioria também não possuem as qualificações atualmente exigidas pelo mercado.

[...]a precarização do trabalho que ocorre hoje, sob o capitalismo global, seria não apenas “precarização do trabalho” no sentido de precarização da mera força de trabalho como mercadoria; mas seria também, “precarização do homem que

trabalha”, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico.” ALVES (1999, p.2)

Sendo assim os catadores estão inseridos nas duas formas de precarização, tanto na precarização do tipo de trabalho exercido, pois a atividade da catação é precária em todos os sentidos, como em relação aos processos de trabalho na atualidade, e no caso dos catadores, existem outros agravantes como a exploração pelos atravessadores e pelas grandes indústrias de reciclagem.

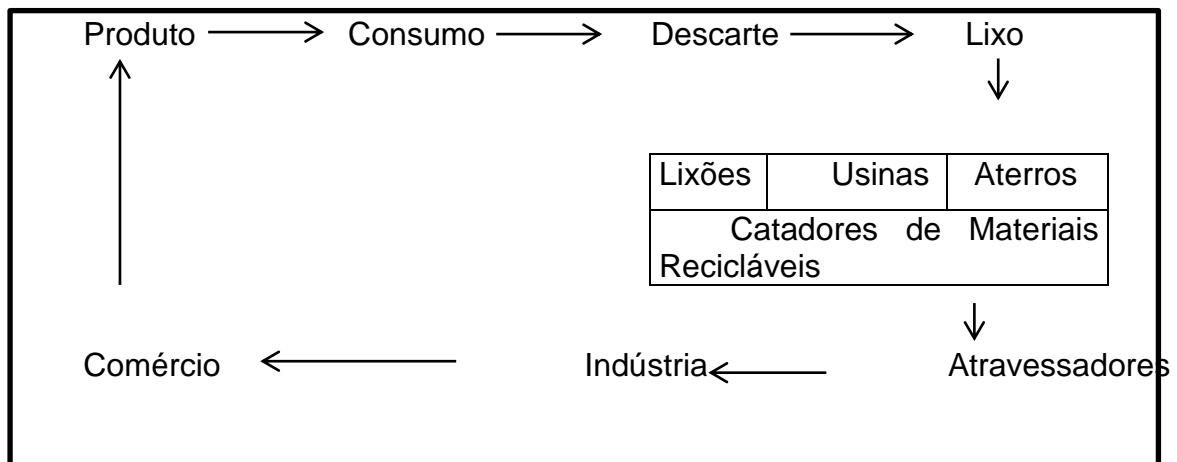
A catação é uma atividade exercida por mais de 800 mil pessoas, segundo o MNCR (2005). Esta passa a ser a única forma que resta para garantir a sobrevivência não só dos catadores, mas de suas famílias. Geralmente as pessoas entram na atividade de catação por falta de oportunidade em outras formas de trabalho. A forma como os catadores exercem a atividade é bastante precária, pois a catação é uma atividade que atenta contra a saúde, e a dignidade humana. Muitos dos catadores realizam a atividade nas ruas, empurrando carrinhos pesados, em contato com materiais altamente perigosos, cortantes, expostos ao sol e à chuva. Encontram-se, assim, marginalizados pela sociedade e explorados pelo sistema; no ciclo da reciclagem estes são os mais vulneráveis.

Sabemos que as amarras e as várias formas de coerção social econômica existentes na sociedade do capital obrigam aqueles que têm como único meio para assegurar a sua força de trabalho, a se sujeitar às condições extremamente precarizadas e destrutivas, estando dentro ou fora do mercado formal de trabalho. (GONÇALVES, 2006, p.53).

Diante das reflexões sobre as precárias condições de trabalho dos catadores, cabe-nos questionar: de onde vem esse material que os catadores catam e utilizam como forma de sobrevivência? A partir da lógica capitalista, é preciso consumir cada vez mais para manter-se na vida moderna. Vivemos atualmente na sociedade do descartável: cada vez mais se produz para atender aos anseios de um apelo diário feito pelo consumo. Essa é forma voraz do capitalismo se reproduzir. É desse “lixo”, ou seja, do consumo e descarte desenfreado, que os catadores encontram resíduos sólidos e comercializam para sobreviver.

Retomando a discussão sobre a reciclagem, apresentaremos o ciclo desse processo, que vai desde os catadores de materiais recicláveis, passando pelos chamados deposeiros ou atravessadores, até chegar às grandes empresas, indústrias compradoras desses materiais para, por sua vez, realizarem o processo da reciclagem.

Figura 2. Ciclo da Reciclagem



Fonte: Bursztyn apud Gonçalves (2005, p.104)

O ciclo tem início com a fabricação, consumo e descarte do produto pelos indivíduos. Desse descarte temos o lixo que tem como destino final três opções, a depender do modo como o município trata seu lixo: os lixões, as usinas ou os aterros sanitários. Nessa parte do ciclo entram os catadores, que costumam coletar nos lixões, nas ruas e em galpões de reciclagem. Os catadores, após catarem e separarem o material coletado, vendem para os que chamamos de deposeiros ou atravessadores, para empresas que utilizam material reciclável como matéria prima, ou para as usinas de reciclagem.

Os deposeiros ou atravessadores são os donos de depósitos de material reciclável. Eles compram o material das associações de catadores a baixo custo e revendem esse material para as grandes empresas de reciclagem ou empresas que reutilizam material reciclável para produção de novas matérias primas, a um preço mais elevado. Os atravessadores possuem carrinhos de coleta de material reciclável. Esses carrinhos são alugados ou emprestados para os catadores. Tal fato faz com que os catadores de rua fiquem atrelados a eles, na medida em que acabam sendo obrigados a venderem o material coletado ao longo do dia ou da noite. Esta transação costuma ser marcada pela venda, a preços baixíssimos, para os atravessadores. Observa-se uma nítida exploração, nesse ciclo, do trabalho dos catadores em favor do lucro dos atravessadores. Nesse sentido, as relações construídas na sociedade capitalista não possuem a menor consideração com a

saúde ou vida do trabalhador e se apropriam da força de trabalho dos trabalhadores que, nesse caso, são os catadores de materiais recicláveis.

O aterro sanitário é a disposição adequada dos resíduos urbanos. No aterro o lixo é armazenado de forma responsável, desde a escolha da área até a preparação do terreno, operação, determinação de vida útil e recuperação da área após seu encerramento. Antes de iniciar a disposição do lixo, o terreno é preparado com a impermeabilização do solo para evitar a contaminação dos lençóis freáticos e do solo pelo chorume.

As usinas de reciclagem são locais que trabalham transformando materiais recicláveis coletados, na maioria das vezes, pelos catadores em matéria prima, para ser reutilizada na fabricação de novos materiais. Geralmente as usinas utilizam matérias como papéis, alumínio, plástico e vidro.

A atividade de catação corresponde à atividade principal do circuito econômico e social da reciclagem de resíduos sólidos. Os catadores são responsáveis por cerca de 90% de toda a matéria prima oriunda de resíduos sólidos recicláveis que abastecem as indústrias desse setor, de acordo com dados do MNCR (2005). Nesse cenário, contudo, os catadores são os que menos se beneficiam da parte final desse processo, mesmo eles compondo um importante papel na contribuição para a gestão dos resíduos sólidos nas cidades, contribuindo para a sustentabilidade urbana, realizando um importante serviço ambiental.

O trabalho da catação pode ser realizado de diversas maneiras, nas ruas, onde os catadores catam puxando carrinhos e realizando a coleta do material a partir dos lixos nas calçadas, e também da coleta seletiva que algumas pessoas fazem em suas casas e adotam um catador para a entrega dos resíduos sólidos.

Nos lixões, onde os catadores trabalham em situação altamente precária, a atividade é marcada pelo fato de que eles precisam revirar o material em busca de algo passível de venda, em meio a tratores, caminhões de lixo e outros equipamentos pesados utilizados pelas prefeituras ou empresas contratadas responsáveis pela limpeza urbana. Os lixões normalmente estão localizados distantes dos centros urbanos, dificultando ainda o trabalho e a vida dos catadores, pois os catadores acabam montando seus barracos no entorno dos lixões para facilitar o acesso à atividade, assim como também a proximidade da família, cujos filhos, na maioria das vezes, acompanham os pais nessa jornada por não terem com quem ficar e assim começam a ser incluídos na atividade de catação desde

crianças. Nos lixões os catadores estão em permanente contato com todo tipo de material ali presente, por exemplo, lixo hospitalar, ratos, urubus e chorume (substância líquida resultante do processo de putrefação de matérias orgânicas, altamente contaminado e que possui um odor muito forte).

Para Marx, existe a alienação em relação ao produto, chamada de “alienação da coisa”, essa alienação é um estranhamento diante do que o trabalhador produziu. Ele produz, mas não se reconhece no produto final da matéria prima. O objeto do trabalhador encontra-se “... fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele, que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.” (Marx, 2003, p.112). No trabalho dos catadores, eles se tornam alienados do produto final, quando vendem a matéria prima, que são os resíduos sólidos, pois nem ao menos sabem o que será feito com o material vendido. Segundo Marx:

“O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e em extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.” (Marx, 2003, p.111) apud Durães (2004)

No sistema capitalista os trabalhadores produzem com seu trabalho a riqueza social, que não é igualmente distribuída. Os donos dos meios de produção ficam com a maior parte da riqueza, os trabalhadores vendem sua força de trabalho em troca de salários. Apesar dos catadores não estarem dentro do mercado formal de trabalho, eles vendem sua força de trabalho para os donos dos meios de produção, quando exercem a atividade de catação e vendem o material coletado para as empresas de reciclagem com baixos custos. Os donos dos meios de produção é que ficam com a riqueza produzida, pois reutilizam o material que vendem com preços mais altos.

A PNRS, lei n 12,305/2010, previu o prazo até o dia 2 de agosto de 2014 para o fechamento dos lixões. O referido prazo ainda não foi cumprido por vários municípios do país. A Política também orienta que as cidades desenvolvam planos de gestão do lixo, os quais devem incluir os catadores de materiais recicláveis de forma digna no sistema de coleta seletiva.

Os galpões de reciclagem, por sua vez, tanto por meio de associações como pelas cooperativas, são os locais onde os catadores organizados recebem o material reciclável originário das coletas seletivas realizadas por empresas, escolas, departamentos públicos, *shoppings*, condomínios. Os catadores recebem o material e fazem a devida separação, organização e preparação para a venda. Em geral, os galpões possuem equipamentos adequados para esse trabalho, como prensa e balança.

As condições e relações de trabalho dos catadores estão alicerçadas nas formas de reprodução do sistema capitalista, o qual desemprega e desvaloriza o trabalhador que vende ou usa sua força de trabalho para sobreviver. Conforme Marx (1988, p. 101), a produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador não produz para si, mas para o capital. Por isso não é mais suficiente que ele apenas produza. Ele tem de produzir mais-valia para o capitalista, servindo assim à autoexpansão do capital.

Os catadores de materiais recicláveis se encaixam nessa lógica, pois são explorados, a partir do momento em que eles exercem a atividade de catação em situação precária, como foi citada acima, selecionam e vendem o material a preços baixos para os atravessadores, usinas ou donos das empresas de reciclagem. Entende-se, assim, a necessidade de uma mudança em relação à valorização dessa categoria, pois o trabalho exercido por eles é de suma importância para a preservação do meio ambiente, aumentando a vida útil dos aterros sanitários, economizando recursos públicos e auxiliando a atuação das prefeituras no que se refere à coleta de lixo.

2.3 A organização dos Catadores

Os catadores de materiais recicláveis, nacionalmente, estão organizados a partir do MNCR. Nos estados, organizam-se através de redes ou cooperativas. No Ceará existe a Rede dos Catadores(as) de Resíduos Sólidos Recicláveis do Estado do Ceará, composta por 19 grupos, alguns de natureza informal e outros organizados em associações de catadores.

“O reconhecimento de que as organizações não contemplam em si mesmas todos os recursos e competências necessárias a uma oferta compatível com a demanda é um dos fatores que remete as organizações afirmarem suas ações articuladas de complementaridade em redes. Segundo Rodrigues (2006), a palavra rede vem do latim *retis*, que significa teia, tratando-se de um entrelaçamento de fios que formam

uma espécie de tecido de malha aberto. O termo vem ganhando novos significados, entre eles a relação de pessoas e organizações que mantêm contato entre si com um objetivo comum.” CRUZ, MARTINS, QUANDT, (2008)

Segundo pesquisa documental feita através de relatórios, projetos e relatos históricos cedidos pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, a Rede surgiu como uma estratégia de construção de um espaço coletivo, democrático e participativo. Foi criada, como associação civil de direito privado, no ano de 2007.

Nas discursões feitas pela rede, os membros dos grupos se influenciam mutuamente, através da identificação de seus objetivos e processos de trabalho, de modo a exercitarem uma unidade no direcionamento de suas ações, respeitando as especificidades de cada grupo. É utilizada uma gestão participativa e democrática, em que todos são corresponsáveis pelas decisões, na busca pela viabilização de subsídios para garantia na conquista de direitos, melhoria da qualidade do trabalho, melhoria de moradias e conquista de novos parceiros e doadores de materiais recicláveis, garantindo assim uma melhor qualidade de vida as catadores.

A rede tem como objetivo a organização dos trabalhadores da catação do Estado do Ceará, visando à criação de condições de trabalho mais dignas, de forma mais independente, por meio da criação de mecanismos que evitem o contato com os atravessadores, para assim garantirem a venda dos resíduos com valores melhores, feita diretamente da associação, rede ou cooperativa para as empresas de resíduos, aumentando, assim, a renda mensal dos catadores. Reivindica junto ao poder público o planejamento e a execução de políticas públicas que visem à promoção de atividades para a melhoria da qualidade de vida dos catadores no que tange à saúde, educação, habitação, segurança alimentar, cultura, entre outros. Outro papel importante que a rede de catadores desempenha é no controle das políticas públicas ligadas à categoria de catadores.

A rede conta com assessoria e acompanhamento de técnicos do poder público, da Rede Cáritas e do Fórum Lixo e Cidadania que trabalham auxiliando os catadores para a conquista de direitos, participam junto a eles dos espaços de debate com o poder público, com o intuito de unir forças para a garantia de benefícios para os empreendimentos associados e de buscar estratégias para a organização dos catadores não organizados.

“Em rede podemos fazer um trabalho e a negociação do nosso material, porque senão a gente fica na mão do atravessador. Para vender para a indústria, a gente

precisa estar constituído em rede.” (Neli Medeiros, Catadora) Depoimento retirado da Cartilha do Catador

Um dos espaços de grande importância para os catadores de materiais recicláveis é o Fórum Lixo e Cidadania (FEL&C), espaço de permanente diálogo com o poder público. Desde a sua organização, o FEL&C do Ceará busca fomentar a organização dos catadores em grupos, pois organizados e formalizados em associações os catadores se tornam mais fortes para lutar por seus direitos. As reuniões do referido fórum são mensais e ocorrem no Centro de Pastoral Maria Mãe da Igreja, localizada no centro de Fortaleza, espaço pertencente à Arquidiocese de Fortaleza. Por meio do Fórum Lixo e Cidadania realiza-se, atualmente, um Grupo de Trabalho (GT) para a ampliação da coleta seletiva solidária junto aos órgãos públicos. Atualmente, somente 25 órgãos públicos federais fazem doação. Este número pode subir para 37, o total dos números de órgãos públicos federais existentes em Fortaleza.

Os catadores de materiais recicláveis também possuem parceria com a Rede Cáritas, um organismo da igreja católica, cuja finalidade é ser uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural.

A Cáritas é dividida em regionais e cada regional possui suas dioceses. Aqui no Ceará o Regional possui 9 entidades membros e destas três possuem trabalho ligados aos catadores de materiais recicláveis. Em Fortaleza, o trabalho com os catadores iniciou no ano 2000.

A Cáritas Brasileira Regional Ceará juntamente com a Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza executam projetos do governo federal junto aos catadores de materiais recicláveis, sempre com o objetivo de fortalecer e organizar os grupos de catadores de materiais recicláveis. Um grande projeto financiado pelo governo federal e executado pela Cáritas teve bons resultados para a organização dos catadores, o CATAFORTE, que, segundo documentos, tornou possível um avanço significativo no processo organizativo e político do MNCR no Ceará. Foram constituídas 26 bases orgânicas, 4 comitês regionais e 1 coordenação estadual, com representatividade na Coordenação Nacional do MNCR. No entanto, ainda se

apresenta como grande desafio o processo da comercialização dos materiais, pois a figura do atravessador é constante em todos os empreendimentos do Estado.

Outro resultado alcançado através do Cataforte foi a aquisição de cinco caminhões, conseguidos através de edital junto à Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Outros resultados, ainda, foram: articulações e parcerias com os poderes públicos, elaboração do Plano de Atuação em Redes, formalização da Cooperativa dos catadores, COOPMARES.

A Rede de Catadores possui ainda parceria com a Petrobras (Petrobras Biocombustível) através do projeto piloto de comercialização da Estação de Tratamento Primário de Óleo e Gorduras Residuais (OGR), que é destinado à produção de biodiesel na Usina de Quixadá-CE. Por esse convênio a Petrobras implantou um módulo de beneficiamento para filtrar óleo de fritura oriundo de restaurantes, padarias, residências, bares de Fortaleza e Região Metropolitana, assim como a compra deste óleo.

Em âmbito nacional, no ano de 2010 houve uma grande conquista para os catadores de materiais recicláveis: a aprovação da lei de nº 12.305 de 2010 que institucionaliza a Política Nacional de Resíduos Sólidos. De acordo com o Art. 7º, são objetivos desta lei a integração dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos. Já de acordo com o Art. 8º são instrumentos da PNRS, entre outros, o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis.

Ainda de acordo com esta lei, os municípios devem priorizar as cooperativas e associações de Catadores nas atividades de reaproveitamento de resíduos e da coleta seletiva. Assim, nas cidades onde há organizações de Catadores, eles têm esse direito de preferência na contratação. Deverão também ter um plano municipal de gestão integrada dos resíduos sólidos, para que possam receber dinheiro da União, conseguir empréstimos e incentivos. O plano de gestão integrada deve mostrar como o município irá lidar com os resíduos sólidos considerando questões sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas. Esse plano tem que dispor sobre a participação das associações e cooperativas na coleta seletiva. Os Municípios que contratarem associações ou cooperativas de Catadores para a coleta seletiva terão prioridade para receber recursos do governo federal.

Existe também o decreto Federal de nº 7.404, que regulamenta a PNRS. De acordo com o Art. 40, o sistema de coleta seletiva de resíduos sólidos e a logística reversa priorizarão a participação de cooperativas ou de outras formas de associação de Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis constituídas por pessoas físicas de baixa renda. A logística reversa são as ações para retornar ao fabricante os resíduos de seus produtos, para que reaproveite ou dê a destinação final adequada.

Há uma emenda que pertence ao decreto de n 5.940 do ano de 2006, que institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da Administração Pública Federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos Catadores de Materiais Recicláveis.

As leis existem para garantir os direitos, mas sabemos que muitas vezes as leis não são cumpridas e os catadores têm seus direitos violados. Por isso a organização dos catadores de materiais recicláveis, desde os grupos até o MNCR, é muito importante, para que, juntos e organizados, possam lutar pela efetivação dos seus direitos, identificando as melhores estratégias para o cumprimento das leis.

CAPÍTULO 3 PRINCIPAIS RESULTADOS E REFLEXÕES

O presente capítulo tem como objetivo apresentar as principais reflexões e resultados do trabalho de campo. Um dos resultados foi a elaboração do perfil dos catadores de materiais recicláveis da ASCAJAN, a partir dos indicadores sociais básicos presentes nos cadastros dos associados, referentes à escolaridade, renda, condições de trabalho durante a trajetória de vida, trabalho como grupo organizado, desejos e sonhos para o futuro. A pesquisa documental foi realizada a partir dos cadastros da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza e da pesquisa de campo realizada na ASCAJAN, durante o mês de outubro de 2014. É importante ressaltar que o trabalho de campo considerou tanto os dados coletados por meio da pesquisa documental com os cadastros, quanto os adquiridos através da entrevista do tipo semiestruturada realizada com três catadores. As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma fidedigna, preservando a identidade dos entrevistados, o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido apresentado aos entrevistados. Seguem como apêndice ao final da monografia. Neste capítulo será traçado o perfil qualitativo dos entrevistados e o perfil dos catadores cadastrados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

3.1 Perfil qualitativo dos catadores entrevistados

Catador 1:

É do sexo feminino, possui 53 anos, é natural de Goiás, solteira, autodeclarada negra. É catadora há mais de 20 anos. *“Eu falo por mim, eu consegui fazer uma reciclagem na minha vida, quase uma lavagem cerebral no meu cérebro, através dos parceiros e, então, isso pra mim também foi uma conquista, porque antes eu só trabalhava, não queria conversa com nada, eu não sentava pra escutar ninguém.”*

Catador 2:

É do sexo feminino, possui 45 anos, divorciada, natural de Fortaleza, autodeclarada parda. É catadora há mais de 20 anos. *“Ah, minha fia, quando era mais jovem eu tinha mais sonhos, mas agora, que estou mais velha, eu quero mesmo é poder terminar meus dias trabalhando com mais qualidade.”*

Catador 3:

É do sexo masculino, possui 47 anos, casado, natural da Paraíba, autodeclarado pardo. É catador há mais de 20 anos. “*A catação hoje é minha vida, eu tenho orgulho de ser honesto.*”

3.1.2 Principais resultados da pesquisa documental

Os catadores de materiais recicláveis do Jangurussu são, em sua maioria, mulheres. A associação possui um número de 57 associados, dos quais 44 são mulheres e somente 13 são homens. Segundo a pesquisa documental realizada, a Cáritas possui o cadastro de 48 deste total. Os resultados aqui considerados partem dos dados primários constantes no cadastro da Cáritas.

As entrevistas foram realizadas com três deste total cadastrado, sendo duas mulheres e um homem. Apesar de ser pequena a quantidade de entrevistados, não acreditamos em prejuízos para nossos resultados, pois a pesquisa qualitativa trabalha com “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 20). Dessa forma, a profundidade e consistência das discussões mantidas com os três catadores conseguiram apresentar subsídios relevantes e suficientes para este trabalho.

De acordo com a idade, a maioria dos catadores possui entre 20 e 77 anos, sendo o número maior de catadores entre 20 e 50 anos. Os catadores estão, em sua maioria, na fase jovem e adulta, apesar de existirem os mais jovens e aqueles idosos em parcela menor.

De acordo com a raça e etnia, a maioria dos catadores se considera parda, 4 se autodeclararam negros, 3 brancos e somente 1 se considera indígena.

Em relação ao tempo de catação, observamos que existem recém-associados, há pouco menos de 15 dias, e outros já com cerca de 20 anos na associação. A maioria, contudo, tem entre 6 e 10 anos de vinculação. Todos os entrevistados estão na catação desde a infância, foram inseridos na atividade pelos próprios pais, os quais entraram na catação por falta de acesso ao emprego formal. Assim, os filhos também passaram a ver na catação uma forma de sobrevivência

para toda a família. A fala abaixo corrobora os dados apresentados anteriormente, no que concerne ao trabalho da catação passar de uma geração para outra.

A minha mãe tinha muitos filhos e eu tinha que ajudar minha mãe. Ai meu pai colocou nós tudinho para trabalhar no lixão, a gente tinha que sobreviver. Eu aprendi com eles e até hoje sou catadora. Já faz mais de vinte anos, minha fia, que eu sou catadora - Catadora 2

O fato de a condição de catação passar de geração em geração revela quanto o trabalho precário e insalubre, aliado à baixa escolaridade e à reprodução de uma sociedade excludente, revela um problema sistêmico para os membros das famílias de catadores, que encontram na catação a única forma de sobrevivência. Para Pochmann (1999, p.21):

A geração de ocupações com baixa qualidade (atípica, irregular, parcial), que no padrão sistêmico de integração social estaria associado à exclusão relativa do modelo geral de emprego regular e de boa qualidade, surge como exemplo de incorporação economicamente possível. Dessa forma distanciam-se as possibilidades de estabelecimento de um patamar de cidadania desejada.

Nas falas dos catadores podemos perceber a força da luta pela sobrevivência. Eles fazem uso de expressões, como “força interior”, sempre que desejam falar das lutas travadas no cotidiano em busca de dias melhores. A catação é seu único meio de sobreviver, de sustento da família. Dos três entrevistados, somente um teve outro tipo de atividade remunerada na condição de emprego formal durante a vida; somente este entrevistado teve a carteira de trabalho assinada por um período de três anos, como separadora de castanhas em uma fábrica.

3.1.3 A questão da escolaridade e o catador

Apesar de a modernidade apresentar grandes progressos e maiores oportunidades de crescimento profissional, a questão da escolaridade ainda é problemática em nosso país. A taxa de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais no Brasil é de 8,6%, totalizando 12,9 milhões de brasileiros, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011). Houve uma diminuição da taxa de analfabetismo até o ano de 2010, mas a pesquisa ainda nos mostra que o Brasil ficou em oitavo lugar no *ranking* mundial entre 72 países.

A partir dos cadastros, podemos perceber que os catadores de materiais recicláveis ainda possuem um déficit considerável em relação à escolaridade. Dos 48 cadastrados, somente 2 possuem o ensino médio completo, 10 cursaram o ensino fundamental, 11 são analfabetos e 11 não informaram.

No Ceará, a incidência de analfabetismo entre pessoas com idade de 15 anos ou mais, segundo a PNAD (2011), é bastante alto, e está entre 10,7% e 17,2% relacionado à proporção de analfabetos do país. Dos catadores que foram entrevistados, somente dois chegaram a ir para a escola, mas nenhum conseguiu concluir a educação infantil. Um deles nunca foi para a escola. Este último relata que sempre precisou trabalhar para sobreviver, que a vida nunca foi fácil, que nunca pôde ser criança, os pais já passavam fome e ele tinha que ajudar, para conseguir alguma coisa para comer.

Outra entrevistada relata que, apesar de ter frequentado a escola, nunca se interessou, por isso hoje passa por tantas dificuldades. As dificuldades que a entrevistada coloca são relacionadas à falta do emprego formal. A catadora afirma durante a entrevista que se tivesse estudado, hoje poderia ter um trabalho melhor, de carteira assinada, ganhando mais e por isso vivendo em uma situação melhor, é perceptível nas falas que se seguem.

Na época de criança eu nunca fui pra escola, não tinha tempo, eu tinha mesmo era que ajudar meus pais, a gente passava fome, brigava com os bichos no lixão pra gente poder comer. Mas quando eu tinha 28 anos, eu fui e aprendi a escrever meu nome, mas só isso que eu sei. Catadora - 2

Já fui quando era pequena, mas eu não me interessei, por isso que hoje sou catadora. A única coisa que eu sei fazer é ser catadora, aprendi com meus pais. - Catadora 1

As justificativas dadas pelos catadores em relação à educação estão sempre relacionadas às condições de vida na época da infância. Todos relatam uma infância difícil. Alguns dizem, até mesmo, que nunca souberam o que é ser criança. Sempre no discurso entra a questão da sobrevivência, das péssimas condições de moradia, de alimentação, do trabalho que vivenciaram na fase da infância. De acordo com a fala supracitada, uma das catadoras relatou que foi à escola somente aos 28 anos. Quando questionada sobre o motivo de não ter dado continuidade aos estudos na infância e adolescência, a justificativa foi relacionada à jornada de trabalho, considerada bastante pesada.

3.1.4 Catadores e a renda

A renda dos catadores de materiais recicláveis é proveniente do trabalho com a catação. Dezesesseis, dentre os catadores cadastrados, recebem algum tipo de benefício assistencial. Os cadastros não dizem o tipo de benefício, por isso sabemos apenas que recebem, mas não sabemos qual é. A renda inicial que os catadores recebem na ASCAJAN é igual para todos, pois o valor da venda do material coletado é dividido entre os associados, pelos dias e horas trabalhadas. Caso o catador falte sem justificativa, ou trabalhe por menos tempo do que os outros é descontado o valor na folha de pagamento. Não sabemos ao certo como são feitos esses descontos, sabemos apenas que existem. A catadora 1 revela que acha muito ruins os descontos, pois fazem falta no final do mês: “A gente já ganha bem pouquinho, mal dá pra comer, e ainda com descontos fica muito difícil”. Os descontos relatados pela catadora são referentes às faltas sem justificativas, atrasos ou saídas antes do horário do término.

A renda familiar dos 48 catadores é bastante variada, pois seu valor se dá de acordo com o número de pessoas que moram na mesma residência e o número de pessoas que trabalham. Os valores estão entre R\$ 210,00 e R\$ 2.230,00 reais. A catadora 1 possui a menor renda entre as três; o valor de sua renda familiar é de R\$ R\$ 700,00, o número de membros da família é de duas pessoas e trabalham. Já sua renda própria mensal é de R\$ 360,00.

Quanto ao número de moradores que residem na mesma casa, varia de 2 a 11 pessoas, sendo uma média maior de 3 a 8 pessoas. Já de acordo com a renda própria e individual de cada catador, os valores também são bastante diversos, pois vão de R\$ 150,00 a R\$ 850,00 mensais. A diversidade dos valores da renda própria se dá pelo fato de alguns receberem benefício e outros não, e também pelo fato de que nem todos trabalham todos os dias e horas do mês, o que acarreta, como foi citado acima, descontos na folha de pagamento. No entanto, é importante destacar que para a maioria dos catadores a renda é inferior a um salário mínimo.

Aqui, minha filha, é sempre uma surpresa, pois tudo depende da quantidade de material que a gente arrecada. Quando, assim, tem muito material, a gente consegue tirar duzentos e cinquenta, mas isso é se tiver muito material mesmo. É o que a gente chama de quinzena boa e esse valor é se a gente tiver aqui todos os dias, sem falta e sem atraso.

O catador 3 possui renda familiar de R\$1.200,00; o número de membros de sua família é de sete pessoas, mas somente dois trabalham. A renda própria individual é de R\$ 500,00. Um membro da família recebe bolsa família.

A catadora 2, dos três entrevistados, é a que possui maior renda familiar, que é no valor de R\$ 2.300,00, mas é também a que possui o maior número de membros na composição familiar, que é de onze pessoas, e deste número somente três trabalham.

3.2 - Condições de trabalho na trajetória de vida dos catadores

Falar da trajetória de vida desses catadores de materiais recicláveis é falar da história de muitos brasileiros que deixam suas casas, e parte da família, para ir atrás de empregos e oportunidades, ou seja, de vida nova nas grandes capitais e regiões metropolitanas. Os catadores entrevistados foram inseridos no trabalho da catação ainda crianças, a maioria por meio de seus pais. Todos relatam as dificuldades por que passaram em suas trajetórias de vida. O Catador 3 relata que

Eu nunca fui criança, eu nunca fui para escola, eu sempre tive que trabalhar. Cheguei aqui com meus sete anos de idade, meu pai deixou minha mãe, se separou dela deixando nós tudo pra trás. E eu tive que me virar muito cedo pra não passar fome e não morrer, por isso comecei a catar o que comer no lixão.

Quando os catadores de materiais recicláveis trabalhavam nos lixões, ainda não se reconheciam como categoria, não eram organizados e muito menos reconhecidos pelo Estado e sociedade. As pessoas catavam nos lixões a céu aberto, catavam maneiras de sobreviverem, como foi citado acima. Os catadores são, em maioria, de baixa escolaridade, conforme afirmado noutro momento, o que dificulta ainda mais sua inserção no mercado de trabalho formal. Yazbek fala muito bem desse fenômeno

Assim, trabalho para estes sujeitos não é resultado de uma escolha, é apenas uma face do direito à sobrevivência, uma forma de ter o que comer, de abrigar-se, de levar a vida, enfim, buscando uma dignidade. (2006, p. 98).

A Catadora 2 passou por dois lixões no município de Fortaleza durante sua infância até chegar ao lixão do Jangurussu na sua juventude. Trazida e inserida pelos pais no trabalho da catação, desde cedo foi explorada, não tendo nenhum

direito de escolha. A mesma relata que os sofrimentos foram muitos, desde a exploração sexual até a violência física e moral. Durante a entrevista, falou-nos várias vezes que não gosta nem de lembrar tamanho sofrimento, pois brigava com os urubus por comida. *“A gente catava no meio dos bichos, dos ratos... Quando chovia, era pior ainda, pois ficava tudo cheio de lama e nós tinha que trabalhar assim mesmo, com os bichos subindo na gente.”*, relatou. Por várias vezes, ensaiava falar mais detalhes, mas voltava atrás e repetia “quero esquecer essa vida”. Na várias falas da catadora, podemos perceber as dificuldades encontradas não só por ela, mas também pela família inteira.

Quando eu cheguei do interior, que a gente não tinha como sobreviver, quando eu era criança ainda, aí o meu pai veio para o lixão, aí nós ficamos no lixão, trabalhando e vivendo, né... Na Barra do Ceará nós vivemos 11 anos, no Henrique Jorge vivemos 12, aqui no Jangurussu passamos 20 anos e agora tá com oito anos que a gente tá na coleta seletiva, mas antes era só lixão mesmo.

Na cidade de Fortaleza, o primeiro lixão foi chamado João Lopes, localizado no bairro Monte Castelo. Funcionou durante quatro anos na década de 1960. Logo após, surgiu o lixão da Barra do Ceará, ainda nos anos 60. Nessa época, ocorreu um maior fluxo migratório de pessoas do interior para a capital, aumentando, assim, a taxa de desemprego e também o volume de resíduos sólidos. Em 1967, segundo relata a Catadora 2, o lixão foi transferido para o bairro do Henrique Jorge e funcionou até o ano de 1978, quando foi transferido para o Jangurussu. Gonçalves (2005, p.93) nos traz a realidade dos catadores de materiais recicláveis que vivem nos lixões.

Esses catadores coletam material reciclável exposto a sol ou chuva, determinam seu próprio ritmo de trabalho e o seu posicionamento físico. Convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo acumulado, com a fumaça intensa produzida pela combustão dos gases, com os urubus e moscas em grande quantidade, estando ainda à mercê do risco de contrair várias doenças, se acidentarem e se contaminarem.

Os catadores entrevistados encontravam-se expostos aos mais variados tipos de resíduos perigosos e a diversos tipos de doença, sendo relatado um caso de morte devido à contaminação por substâncias tóxicas oriundas de lixo hospitalar.

O lixão do Jangurussu funcionou durante vinte anos e foi desativado em julho de 1998. Segundo o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Fortaleza - PMGIRS (2010), o processo de desativação foi lento e gradual,

pressionado pelo Ministério Público. Foram construídos, através do Projeto Sanear, financiados pelo Banco Mundial, três aterros sanitários na Região Metropolitana de Fortaleza, nos municípios de Caucaia, Maracanaú e Aquiraz. Juntamente com esses aterros, o Complexo do Jangurussu foi transformado em Unidade de Triagem de Resíduos, Estação de Transbordo e Centro de Tratamento de Resíduos Perigosos.

A Catadora 2 nos contou, com alguns detalhes, a história do lixão no Jangurussu. Falou que, na chegada ao lixão no ano de 1978, cerca de 80 catadores começaram a catação e ali mesmo foram construindo suas moradias. Relata que foi bem difícil, pois o poder público queria impedir a entrada dos catadores no lixão, mas que foi em vão, pois os catadores resistiram e logo depois aumentaram consideravelmente em número. Em 1997, os catadores passaram a fazer seu trabalho dentro de condições menos insalubres, na Usina de Triagem, que iniciou sua operação com 40 catadores do lixão.

Nas falas dos catadores, é possível observar diferenças entre o trabalho de catação exercido no lixão e na usina de triagem. Eles afirmam existirem pontos positivos e negativos em ambos. Na medida em que o trabalho no lixão, apesar da precariedade e dos perigos de atuar expostos ao sol, à violência, aos riscos de contaminação de doenças, odor, era também mais livre, pois trabalhavam no dia e na hora que queriam e ganhavam mais, pois o ganho era individual e de acordo com o tipo e o volume de material coletado.

No lixão, a gente não tinha patrão, trabalhava o dia que queria. Lá nós ganhava mais. E aqui a gente é obrigada a trabalhar, pois tem muita gente que só ganha daqui. Tem mãe de família, que cria os filhos tudinho daqui e idosos também. Mas aqui a gente trabalha com mais dignidade, né? (Catadora 1)

A renda não melhorou, melhorou a qualidade de vida. No lixão eu ganhava mais dinheiro, mas em compensação eu perdia minha saúde, a minha juventude que eu não tive, mas no lixão eu terminei de estragar muito mais. Diminuiu a renda, mas melhorou minha autoestima e minha qualidade de vida. (Catador 2)

De acordo com os relatos, percebemos que ainda existem vários problemas relacionados ao trabalho de catação e à renda dos catadores de materiais recicláveis. Conforme citado anteriormente, a renda individual dos catadores não chega a um salário mínimo, o que dificulta ainda mais a obtenção de uma vida digna, com moradia e alimentação.

Os catadores de materiais recicláveis do Jangurussu estão inseridos na classe de trabalhadores informais, pois apesar de inseridos na CBO como profissionais que catam, selecionam e vendem seus materiais, esses estão longe de serem tratados como profissionais, pois existe uma realidade desumana por trás dessa classificação da CBO. Os catadores, além de trabalharem em situações precárias, não são contemplados pela previdência social e não têm acesso aos direitos trabalhistas. Assim, estão mais próximos do campo das estratégias de sobrevivência, do trabalho precarizado, do subemprego e da informalidade.

(...) a flexibilidade, desregulamentação ou precarização do trabalho divide o montante de trabalho economicamente compensador de forma cada vez mais desigual: enquanto uma parte dos trabalhadores trabalha mais por remuneração horária declinante, outra parte crescente dos trabalhadores deixa de poder trabalhar. (SINGER, 1998, p. 30).

Uma das questões levantadas pelos catadores entrevistados foi a impressão deles sobre o trabalho da catação, ou seja, qual o significado dessa atividade para eles. A Catadora 2 nos diz que é “um meio de sobreviver, um trabalho digno e uma maneira de proteger o meio ambiente. Tanto é digno como a gente protege o meio ambiente, e é como a gente sobrevive da renda, né?!”

A Catadora 1 nos revela em sua fala que sente orgulho de ser catadora e que a atividade de catação é um trabalho digno e honesto.

O catador é honesto, a gente trabalha pra sobreviver. Eu defendo o catador em todo canto que eu chegar. A catação é um trabalho honesto. A gente aqui cata pra comprar comida e o que a gente precisa... Aqui ninguém é ladrão, todos aqui trabalham para ter o seu sustento.

O Catador 3 fala que, no início, a catação era uma forma de sobrevivência. Por ser analfabeto, ele não tinha outra escolha, mas hoje tem orgulho de ser catador.

A catação hoje é minha vida, eu tenho orgulho de ser honesto. Nós ganha pouco, mas o trabalho da catação é muito valioso, pois a gente ajuda a preservar o meio ambiente. Eu fico só pensando no futuro dos nossos filhos, essas águas tudo suja como é que vai ser o futuro? E o catador já ajuda nisso aí. Nós somos trabalhador, honesto e merecemos ser mais valorizado.

Podemos perceber que os catadores de materiais recicláveis sentem orgulho do que fazem, considerando a catação um trabalho honesto e de grande valor para a sociedade e a preservação da natureza, apesar de toda a condição precária que permeia esta atividade, revelando toda a contradição própria da humanidade.

Algumas falas nos trazem um pouco da conformação de não terem tido outra escolha, outra oportunidade na vida.

“É graças aos catadores que não temos uma situação ainda mais grave no País, já que são eles que encaminham para a reciclagem em empresas (em usinas públicas a porcentagem é insignificante) cerca de um terço do papel e papelão descartado, uns 20% do vidro, talvez outro tanto de plásticos e a quase totalidade das latas de bebidas. É preciso avançar mais: implantar coleta seletiva em toda parte, encarregar cooperativas de reciclagem de recolher os resíduos já separados, construir usinas de triagem operadas e administradas por elas, onde se pode reciclar cerca de 80% do lixo recolhido – transformando todo o lixo orgânico em composto para uso na jardinagem, contenção de encostas etc.; todo o papel e papelão, em telhas revestidas de betume, capazes de substituir as de amianto com muitas vantagens; transformando todo o plástico PVC em *pets* (para serem utilizados como matéria-prima) ou em mangueiras pretas; moendo o vidro e vendendo-o a recicladoras, assim como latas de alumínio e outros metais. Por esses caminhos se consegue reduzir para 20% o lixo destinado ao aterro. Gerando trabalho e renda para um contingente hoje sem nenhuma proteção.” (NOVAES, apud NETO, KRAVETZ,(2012,p.10)

Os catadores do Jangurussu são catadores organizados coletiva e politicamente. Foi o primeiro grupo de Fortaleza a se organizar e criar uma associação. Esses catadores são uma referência para a maioria dos grupos que ainda permanecem na informalidade. Por ocasião da entrevista, foi perguntado a eles como era trabalhar em grupo, quais as dificuldades e o que poderia melhorar. A seguir são apresentadas as principais percepções dos entrevistados sobre a organização dos catadores:

Aqui é mais organizado, a gente tem dia e hora pra trabalhar, mais digno do que no lixão, porque aqui a gente tem o galpão. As mudanças no trabalho, aqui a gente tem parceiro, Cáritas, Banco do Brasil, ajuda a gente a crescer mesmo. No lixão, era arriscado a matar a gente, odor, coisas, minha fia, que o ser humano não era pra passar, muito sol. Agora o ganho, minha fia, é muito ruim. Lá a gente ganhava mais, porque só dependia de nós mesmo, mas não corre mais risco. (Catador 1)

Trabalhar em grupo mudou minha vida. Eu falo por mim, eu consegui fazer uma reciclagem na minha vida, quase uma lavagem cerebral no meu cérebro, através dos parceiros. E então, isso pra mim também foi uma conquista, porque antes eu só trabalhava, não queria conversa com nada, eu não sentava pra escutar ninguém. Hoje eu converso, faço amizade. Passei valorizar mais a minha vida e hoje por causa do grupo eu me sinto gente. Além disso, depois que a gente se organizou, as pessoas passaram a olhar mais pra gente. Ainda falta muito, mas os governos respeitam mais, só porque somos grupo. (Catador 2)

Eu amo meu trabalho, mas o trabalho em grupo começou por uma enganação do governo. Eles prometeram que a gente ia ganhar um salário, fora o material, e isso nunca aconteceu. Mas eu continuei aqui porque eu gosto dos meus amigos, gosto do que faço e a gente aqui é mais valorizado do que catar no meio da rua, pois na rua a gente é tratado como vagabundos, como ladrão sabe? E aqui não, a gente é catador honesto. (Catador 3)

Os catadores organizados se tornam mais fortalecidos para encarar o mercado de resíduos sólidos. Quando organizados, conseguem minimamente produzir formas de resistência frente aos atravessadores e, assim, aumentam seus rendimentos e a possibilidade de independência. A organização e formação de grupos de catadores relevam avanços e desafios.

A cartilha *O Catador é Legal*³ nos mostra vários benefícios da atividade de catação: melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida, comercialização de maior volume de materiais recicláveis, troca de informação entre seus integrantes e outros parceiros, negociação com o Poder Público e acompanhamento de políticas públicas, mobilização e sensibilização da sociedade sobre a realidade dos catadores, bem como para a necessidade da preservação ambiental, - captação de recursos por meio de projetos, contratação, pelos órgãos públicos, sem licitação, recebimento da Bolsa-Reciclagem, autonomia para negociar a venda de materiais recicláveis, defesa dos direitos dos Catadores, investimentos que beneficiam todos os integrantes, como cursos de capacitação, construção de galpões de triagem, compra de equipamentos e veículos.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos catadores por trabalhar em grupo, eles nos disseram que a maior dificuldade é mesmo a renda, *“Trabalhando em grupo a gente ganha menos, pois tudo aqui é dividido por todos, se fosse só a gente individualmente, a gente ganhava mais, sabe? (Catador 3). Outra dificuldade são as relações cotidianas, por trabalharem juntos o dia inteiro, acaba havendo desentendimentos difíceis de serem contornados. “Aqui é assim, nós somos diferentes um do outro e, por isso, a gente acaba, às vezes, discutindo, mas nós somos irmãos, somos amigos e logo depois a gente fica bem e faz as pazes”.* (Catador 2).

O Catador 3 ratificou o que foi dito pela “companheira de trabalho”, afirmando que a renda é a maior dificuldade de se trabalhar em grupo, pois além de ser baixa, eles ainda precisam pagar a alimentação.

Minha fia, aqui o almoço é descontado em folha e a merenda a gente tem que pagar também. Aí o que é pouco não fica quase nada, mas a gente precisa ficar em pé, pois saco vazio não fica de pé. O restante é mais fácil a

³ A Cartilha do Catador: *O Catador é Legal*, é um guia produzido pela Superintendência de Comunicação Integrada do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, *que trata de questões ligadas a luta pelos direitos dos Catadores de Materiais Recicláveis*

gente resolver, não digo nem que é dificuldade, pois viver com pouco é que é dificuldade.

Quando perguntados se gostam do que fazem, os catadores entrevistados afirmaram que sim, que têm orgulho do que fazem e que foi através da catação que eles conseguiram sobreviver desde criança. Seguem as falas que corroboram com essa afirmação:

Adoro o que faço, até porque é uma profissão que eu tenho desde 7 anos e na idade que eu me encontro eu não consigo mais outra coisa pra fazer. O que eu sei fazer tá tendo valor agora e é bom pra mim e pra todo catador que tá nessa atividade. (Catador 2).

Eu gosto, essa é minha profissão. Eu não sei fazer outra coisa, eu não sei costurar, sei fazer nada, foi isso que aprendi com meus pais e é com isso que eu sobrevivo até hoje. Já passei tempos piores, no tempo do lixão, hoje estamos bem melhor e o catador já é reconhecido como gente, reconhecido pelo que faz (Catador 3).

A partir do que os catadores relatam nas falas percebemos um misto de sentimentos, pois, ao mesmo tempo em que expressam ter orgulho, afirmam também que não tiveram outra profissão e que a catação foi a única forma de sobreviver, por isso precisam valorizar.

3.3 Sonhos e desejos

Os desejos dos catadores entrevistados relatados aqui estão todos ligados à melhoria das condições de trabalho, garantia de direitos e benefícios. Por várias vezes, foi refeita a pergunta de sonhos, para que eles conseguissem olhar para além do trabalho, mas todas as respostas estavam sempre ligadas ao dia a dia deles. Podemos perceber na fala da Catadora 2.

Ah, minha fia, quando era mais jovem eu tinha mais sonhos, mas agora, que estou mais velha, eu quero mesmo é poder terminar meus dias trabalhando com mais qualidade. A gente aqui se esforça muito, nossa batalha é diária. Mas meu sonho mesmo era que, com esse meu serviço, um dia eu consiga a minha aposentadoria mais cedo, né? Porque quando a gente vai se aposentar, já tá perto é de morrer, quase não serve mais. A gente aqui merecia uma aposentadoria mais cedo, pois o catador sofre demais porque o serviço é pesado, viu? Se a gente se aposentasse mais cedo, aí podia até descansar e curtir a vida, né?

O Catador 1 fala não ter mais sonho e sim esperança de viver dias melhores, esperança de poder se aposentar, de trabalhar menos para poder viver mais, de ter uma vida mais digna, uma moradia adequada, uma alimentação melhor, em resumo,

o catador deseja uma vida mais digna, com seus direitos garantidos, não só os trabalhistas, mas também os direitos básicos, como moradia, alimentação, saúde e lazer.

Enquanto há vida, há esperança. Eu não tenho nem sonho, só sei que a velhice tá chegando e eu nem sei como vai ser, né? Já estou cansada, minha filha, eu já trabalhei demais nessa vida, já sofri demais. Desde pequena que eu vivo essa vida de sofrimento, vivi dias que não tinha nem o que comer. Hoje eu só tenho a esperança de viver melhor, de ter uma casa boa, de me alimentar bem e não passar mais por apereio. Eu queria mesmo era minha aposentadoria sabe, pois eu tô cansada. Minha esperança é só essa, de um dia me aposentar e viver uma vida digna.

O catador 3 relata que, devido à baixa renda mensal, não pode ter sonhos e que o dinheiro mal dá para comer. Ao mesmo tempo diz sonhar com a melhoria de vida, sonhar com a valorização dos catadores pelos governantes, revelando uma contradição em suas falas, o que é perfeitamente compreensível, devido à falta de escolha. A fala abaixo ilustra bem a sua percepção sobre sonhos ou desejos:

A quantia que a gente ganha, minha fia, não dá pra sonhar. Meu sonho é ter, pelo menos, uma motocicleta, pra descansar minhas pernas. Mas como é que compra? Se o dinheiro mal dá pra comer. Eu queria era que esses governantes olhassem mais para nós catadores, pra melhorar nossa vida, pra aumentar nosso ganho, porque, minha fia, num é brincadeira não, eu trabalho demais e nós estamos morrendo aos poucos. Eu queria que os governantes enxergassem nós. Esse é meu maior sonho. (Catador 3)

Com todos esses relatos de vida, podemos perceber que os catadores de materiais recicláveis do Jangurussu vivem em situação precária, passam e continuam vivendo com bastantes dificuldades. A renda não é suficiente para viver dignamente e a maior parcela dos catadores revelou ter entrado no mundo da catação em busca de sobrevivência. Conclui-se então, que estes homens e mulheres se reinventam diariamente, tendo que “se virar” diante das dificuldades impostas. LESSA (2000) faz algumas reflexões sobre isso e destaca a “criatividade” do povo para não sucumbir às dificuldades, “*Vire-se! Transmute-se num virador!*” O problema é que quem sabe se virar é o povo, pois sempre teve que fazê-lo.” (p. 69.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe algumas reflexões sobre as trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis do Jangurussu, oportunizando ao leitor apreender as várias dimensões que seus percursos de vida e de trabalho comportam. Diante das falas dos sujeitos foi possível perceber que o trabalho precário consiste em um dos maiores desafios enfrentado por eles.

Os catadores em sua maioria são oriundos dos lixões, vêm percorrendo as mudanças dos lixões na cidade de Fortaleza, desde a Barra do Ceará até a chegada ao Jangurussu. O lixão teve um significado na vida dos catadores entrevistados, pois foi nele que estiveram desde a infância até a vida adulta, foi a partir do lixão que criaram suas formas de sobrevivência, apesar das dificuldades enfrentadas. O lixão do Jangurussu teve uma representatividade ainda maior, pois funcionou por mais tempo, eles foram os primeiros moradores do bairro e foi a partir daí que se deu a organização da associação ASCAJAN. O Jangurussu funcionou durante 20 anos, chegou a comportar por volta de 1.500 catadores, segundo Gonçalves (2006).

A vida no lixão, segundo a fala dos catadores, não era nada fácil, o trabalho era realizado exposto ao sol ou chuva, convivendo com o mau cheiro dos gases que exalavam do lixo, com os bichos, urubus, ratos, moscas, estando a mercê de contrair vários tipos de doenças, em contato com o chorume que é uma substância perigosa e sem nenhum equipamento de proteção. Mas tinha o lado que eles chamam de positivo, que é relacionado ao tempo de trabalho, pois no lixão eles eram livres para trabalharem no dia e hora que quisessem, não tinham patrão e a renda era maior, pois a coleta e a venda do material eram individuais.

Os catadores da Ascajan ainda possuem um baixo nível de escolaridade, somente 2 dos 46 catadores cadastrados conseguiram chegar ao ensino médio, e dois dos três catadores entrevistados não chegaram sequer a frequentar a escola. Isso nos mostra que há um déficit em relação à educação da população mais carente. A justificativa dada pelos catadores por não terem frequentado a escola foi a inserção no trabalho da catação desde a infância, tendo que ajudar aos pais a incrementar a renda para a sobrevivência da família.

A renda individual dos catadores de materiais recicláveis do Jangurussu, não alcança um salário mínimo, o que dificulta ainda mais a vida deles. Isso revela o alto

grau de exploração desses trabalhadores que realizam as atividades mais pesadas e insalubres dentro do ciclo da reciclagem e são os que menos se beneficiam com os rendimentos finais. Ao venderem o material para os atravessadores e grandes indústrias ou usinas de reciclagem, os catadores se tornam alienados do produto final.

Os catadores de materiais recicláveis estão inseridos no trabalho informal e apesar de estarem inseridos na CBO como profissionais que catam, selecionam e vendem seus materiais, trabalham sem nenhuma proteção de direitos trabalhistas e não estão incluídos em nenhum plano da previdência social.

Apesar de todas as questões de precariedades levantadas ao longo deste trabalho, os catadores de materiais recicláveis consideram que a catação é um meio de sobrevivência, um trabalho digno e uma maneira de proteger o meio ambiente. Alguns falam que têm orgulho da profissão que possuem.

A partir da organização em associações, os catadores conseguem reconhecer a importância do trabalho exercido por eles. Unindo forças com outros grupos organizados a partir da rede de catadores e do MNCR, lutam pela garantia de direitos sociais, valorização da categoria, inserção na coleta seletiva e pela possibilidade de aumentar a renda, não tendo mais que dependerem dos atravessadores.

Os desejos e sonhos dos catadores entrevistados estão relacionados à melhoria das condições de trabalho e à garantia de direitos sociais. Um dos desejos comuns aos três catadores entrevistados é o da aposentadoria. Assim, concluímos que a precariedade do trabalho é aviltante, uma vez que os catadores não possuem nenhuma garantia de direitos trabalhistas ou previdenciários. Portanto o que eles almejam é viver de forma mais digna e com uma renda que possibilite uma velhice mais tranquila.

A catação de material reciclável foi a maneira pela qual os catadores de matérias recicláveis encontraram para sobreviver, diante da condição de desemprego, primeiramente de seus pais e, em seguida, deles mesmos, provocando miséria e impossibilidade de acesso à educação formal. De acordo com Cunha (2009, p. 18), a responsabilidade social pelo desemprego, na sociedade capitalista, é atribuída ao trabalhador que deve buscar suas próprias “soluções”.

Dentre os principais resultados desta pesquisa, destacamos a necessidade de valorização do trabalho dos catadores, que merecem respeito e valorização pela

sociedade e pelo Estado, devendo ser colocado em prática o que versa a Lei 12.305 de 2010, que regulamenta a Política Nacional de Resíduos Sólidos e inclui os catadores na coleta seletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria de Fátima. **Do lixo à cidadania: estratégias para a ação**. Brasília: Caixa, 2001.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo. Ed. Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo. Ed. Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo. Ed. UNICAMP, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4283/politica_residuos_solidos.pdf?sequence=1. Acesso em: Nov. 2014.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Atlas, 2007.

BONI, Valdete; QUARESMA. **Jurema. Aprendendo a entrevistar: Como Fazer Entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2005. <Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976> < Acesso em: Out. 2014.

CEMPRE. **Manual de Gerenciamento Integrado**. Niza Silva Jardim (coord) et al. São Paulo: Instituto de Pesquisa tecnológica – IPT: CEMPRE, 1995.

CHIZOTTI, **A Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CRUZ, MARTINS, QUANDT. **A Importância do Terceiro Setor na Governança de Redes: Estudo de caso em uma Rede de Associações de Catadores de Materiais Recicláveis**, Curitiba, 2008.

DURÃES, Bruno José Rodrigues, **Trabalho Informal, Sofrimento e alienação no século XXI: o trabalho nas ruas de Salvador**. 2004

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos: Relatório de Pesquisa, IPEA, Brasília 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

GIBBS, Grabam. **Análise de Dados Qualitativos**, Porto Alegre, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo**: Presidente Prudente, 2006. Tese de doutorado em Geografia pela Faculdade de Ciências de Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – Unesp.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país**. In: *Serviço Social & Sociedade*. Nº. 82, ano XXVI, julho, 2005.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **Ocupações urbanas: alternativa de moradia. Fortaleza, 2001**. Monografia (graduação em Serviço Social), Universidade Estadual do Ceará - UECE.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010 da População por Bairro de Fortaleza. Disponível em: (<http://www.ibge.gov.br>). Acesso em: Out. 2014

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Banco de dados das Cidades. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: Nov.2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saneamento Básico. IBGE: Rio de Janeiro, 2002. 397 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saneamento Básico. IBGE: Rio de Janeiro, 2010. 219 p

Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos – IMPARH da Prefeitura Municipal de Fortaleza – Ano 2006.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e Assistência Social**. São Paulo. Ed. Cortez, 2006.

JUNCÁ, D. M. C. **“Vida de Cata-dor: outras palavras sobre o lixo”**. In CEAS.Salvador, n. 193, maio/junho de 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa de ciências humanas**. São Paulo: Artmed, 1998.

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital. São Paulo. Ed. Boitempo, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 21.

ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 29.

ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MICHALISZYN; Sergio Mario. TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: orientações e normas para elaborações de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Cartilha de formação. São Paulo, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Disponível em: http://www.mncr.org.br/box_1/estruturas-regionais. Acessado em: Nov, 2014

BORCHARDT, Juliano, obra resumida - **O Capital**. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

OLIVEIRA, M. M. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**, Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

PÁDUA, E. M. M. de. **O processo de pesquisa: Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papyrus, 1997. p. 29 – 89. (Coleção Práxis).

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo. **Atlas da exclusão social do Brasil**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERIANO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil**, 2006

SILVA, S. R. & GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo**: o caso da associação dos trabalhadores catadores de resíduos sólidos recicláveis do município de Nova Andradina-MS. In: XII Encontro de Geógrafos da América Latina. Disponível em <http://egal2009.easyplanners.info>. Montevideo, 2009. Acesso em: Out 2014.

SINGER, Paul. **As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária**. In:

PROPOSTA, Rio de Janeiro: Fase, no. 97, jun/ago, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora, 2002.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p

THOMAZ Jr. A. **Por uma Geografia do Trabalho**. PEGADA, Revista Eletrônica: CEGeT, (número especial) 2002.

CRUZ, MARTINS, QUANDT. **A Importância Do Terceiro Setor Na Governança De Redes**: Estudo de caso em uma Rede de Associações de Catadores de Materiais Recicláveis de Curitiba, 2008.

APÊNDICES

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

DADOS PESSOAIS:

1. Nome:
2. Data de nascimento: Idade: Sexo:
3. Estado civil:
4. Escolaridade:
5. Profissão anterior:

CATAÇÃO:

1. Há quanto tempo você trabalha na catação e reciclagem?
2. Por que você foi trabalhar com a catação de lixo?
3. Quais os bairros em que trabalha?
4. Quantos dias por semana e quantas horas por dia você dedica a essa atividade?
5. Quanto recebe por mês?
6. Como é trabalhar nas ruas? Os moradores colaboram? E os motoristas?
7. Você considera a catação um trabalho ou é apenas um passatempo, enquanto está desempregado? Qual sua visão sobre a atividade de catar lixo?
8. Gosta do que faz? Sente vergonha ou se acha explorado?
9. Quais são seus desejos para o futuro?

PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

1. O que levou você a participar de um grupo de catadores?
2. Você acha importante participar do grupo?
3. O que você acha sobre a participação das pessoas no início do grupo? E hoje?
4. Como se deu a organização dos catadores?
5. Houve alguma mudança nas condições de trabalho depois da organização? Quais?
6. Melhorou a renda?
7. Você identificou alguma ajuda ou apoio de fora no momento da organização?
8. Quais as dificuldades encontradas para a organização do grupo?
9. Qual a influência da Cáritas e de outros parceiros na organização e na melhoria de vida?

ANEXO

ANEXO 1:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada:

desenvolvida por _____. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por _____, a quem poderei contatar e consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) _____. Afirmando que aceitei participar, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é _____. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu (sua) orientador(a). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Assinatura da testemunha:
